

JÚLIA SILVEIRA

22.23
MIA.ESAP

Júlia Freitas Pessôa da Silveira

NOVOS TERRITÓRIOS ESPIRITUAIS

REFÚGIO URBANO NO RIO DE JANEIRO

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura realizado sob a orientação científica do Arquiteto António Leitão Barbosa.

Declaro que este Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Júlia Freitas Pessôa da Silveira
Porto, 02 de outubro de 2023

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O orientador,

António Leitão Barbosa
Porto, 02 de outubro de 2023

AGRADECIMENTOS

Ao decidir viver essa nova fase acadêmica vim em busca de sair da zona de conforto em que eu estava. Vim em busca de conhecimento, em busca de uma visão diferente da arquitetura a partir dos olhos e vivências de uma cultura diferente. Sabia que abriria mão de estar próxima fisicamente de pessoas queridas, da minha casa, dos meus hábitos e prazeres diários.

Ao chegar a poucos meses de concluir essa etapa, olho para trás com a certeza de que, valeu a pena. De todos os desafios previstos, lidar com a saudade foi o mais difícil deles.

Agradeço todos os dias pela família que tenho.

Agradeço aos meus pais e irmão por abrirem novamente a casa para mim. Por auxiliarem de todas as formas para que essa fase fosse tranquila e repleta de amor.

Agradeço ao meu marido, por todo o incentivo, desde o primeiro momento e todos os dias durante esse último ano.

Agradeço a minha madrinha por todo amor e carinho em cada etapa da vida.

Agradeço as minhas amigas, que mesmo em cada canto do mundo, estiveram presentes e tornaram o cansaço mais leve e divertido.

Agradeço ao Professor António Leitão Barbosa, meu orientador, por compartilhar todo o seu amor pela arquitetura, por me apoiar e guiar em todos os momentos de incerteza e incentivar nos momentos de inspiração. O agradeco por compartilhar de forma tão generosa as suas experiências de vida.

Agradeço a professora Fátima por mostrar de uma forma única e apaixonada o prazer de viver a arquitetura.

Obrigada aos professores João Carreira, Luis Rodrigues, Sérgio Mendes, Paolo Marcolin e Joaquim Flores por toda a disponibilidade, conhecimento compartilhado e apoio ao longo desse ano.

Agradeço aos amigos que fiz, nessa jornada, pelas aventuras vividas, por todo o carinho e experiências compartilhadas.

RESUMO

OS NOVOS TERRITÓRIOS ESPIRITUAIS REFÚGIO URBANO NO RIO DE JANEIRO

JÚLIA FREITAS PESSÔA DA SILVEIRA

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura, percursos, refúgio, claustro, instropecção, autoconhecimento.

RESUMO

O projeto surge e se estrutura no contexto urbano da cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Apesar de já consolidada e com um número alto de habitantes, a cidade continua a atrair migrantes e imigrantes a todo momento.

Em uma localidade com hábitos que visam a constante produtividade econômica e com uma valorização planejada do automóvel, intervir de forma contraditória, através da arquitetura, aliada a um programa, que buscassem se inserir nesse contexto de maneira sutil e valorizando o indivíduo e a sua relação com o espaço, foi o maior desafio desse projeto.

A partir do processo de questionamentos e leitura sobre a dinâmica citadina atual e futura, no Rio de Janeiro e no mundo, foi possível elocubrar formas de induzir novos comportamentos na sociedade urbana.

Por intermédio da arquitetura, dos percursos e das espacialidades criadas, o projeto busca um diálogo simbiótico com o local e os seus usuários.

ABSTRACT

THE NEW SPIRITUAL TERRITORIES

URBAN REFUGE IN RIO DE JANEIRO

JÚLIA FREITAS PESSÔA DA SILVEIRA

KEYWORDS: architecture, routes, refuge, cloister, introspection, self-knowledge.

ABSTRACT

The project arises and is structured in the urban context of the city of Rio de Janeiro, in Brazil. Despite being already consolidated and with a high number of inhabitants, the city continues to attract migrants and immigrants all the time.

In a location with habits that aim at constant economic productivity and with a planned appreciation of the automobile, intervening in a contradictory way, through architecture, combined with a program, that sought to insert itself into this context in a subtle way and valuing the individual and their relationship with space, it was the biggest challenge of this project.

From the process of questioning and reading about current and future city dynamics, in Rio de Janeiro and around the world, it was possible to find ways to induce new behaviors in urban society.

Through the architecture, routes and spatialities created, the project seeks a symbiotic dialogue with the place and its users.

ÍNDICE

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

I.1. Tema	17
I.2. Metodologia	25
I.3. Objetivos	29

CAPÍTULO II: NOVOS TERRITÓRIOS ESPIRITUAIS

II.1. A arquitetura e a espiritualidade	33
II.2. A arquitetura e a arte	49
II.3. Claustros	55
II.4. Estudo de caso: Chichu Art Museum, Tadao Ando	59
II.5. Estudo de caso: The Feuerle Collection, John Pawson	63
II.6. Estudo de caso: Convento Sanite-Marie de La Tourette, Le Corbusier	69

CAPÍTULO III: TERRITÓRIO DE INTERVENÇÃO

III.1. Análise territorial: Rio de Janeiro	75
III.2. Análise territorial: Plano Piloto 1969, Lúcio Costa	79
III.3. Análise territorial: Barra da Tijuca, situação atual	83

CAPÍTULO IV: O PROJETO

IV.1. Implantação	89
IV.2. Volumetria	93
IV.3. Programa	95
IV.4. Programa	99
IV.5. Materialidade	105
Conclusão	111
Bibliografia	113

I. 1. TEMA: NOVOS TERRITÓRIOS ESPIRITUAIS

"That's one of the most ineffable and frustrating expressions of burnout: It takes things that should be enjoyable and flattens them into a list of tasks."

Anne Helen Petersen

A vida nos grandes centros urbanos se configurou, nos últimos anos, por uma dinâmica acelerada.

Em cidades onde os estímulos visuais e informativos são constantes, as populações vivem acerca de incontáveis cobranças pessoais, profissionais, sociais e espirituais.

Mais do que ágeis e velozes, os indivíduos, nas últimas décadas, são constantemente demandados para uma excelência das suas ações. O excesso de cobranças e a idealização da perfeição tem se tornado cada dia mais usual, idolatrando os indivíduos capazes de se estabelecerem em turnos exaustivos e intermináveis.

A obsessão pelo incansável tem configurado uma sociedade mentalmente esgotada. Crianças, jovens e adultos buscam constantemente estender os seus limites e qualidades.

A longevidade das jornadas exaustivas direciona os indivíduos para o grande mal do século: transtornos psicológicos. Doenças como depressão, transtornos de personalidade, anorexias, compulsões, ansiedade e, o atualmente famoso, "burnout", se tornaram cada dia mais comuns.

Nos últimos séculos, com os diversos atrativos profissionais, a migração para os grandes centros urbanos se mantém constante. Gerando uma expectativa, exemplificativa, de que até 2050 a porcentagem de 93% da população brasileira esteja vivendo nos grandes centros urbanos, segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Com a chegada inesperada do isolamento social, na pandemia de 2020, diversos impactos desse estilo de vida acelerado foram levados para dentro de casa. Os indivíduos que tiveram a possibilidade de desenvolver as suas atividades profissionais remotamente, se tornaram profissionais ainda mais produtivos, contrariando o cenário previsto por grandes líderes. A economia do tempo de deslocamento e a gratidão pela manutenção das atividades profissionais ativas, foram retribuídos através da multiplicação dos seus esforços.

A romantização do trabalho árduo e a sensação do dever cumprido se tornaram combustíveis para a autocobrança¹ produtiva. Tais atitudes e pensamentos comprovam que esse estilo de vida não precisa mais de uma coerção externa, como o sistema capitalista que cobra e empurra para a aceleração. As cobranças internas, pessoais, se tornaram o combustível para melhores resultados na jornada em busca da tão idealizada perfeição.

A autocobrança¹ vem adoecendo a sociedade como uma doença silenciosa. Ainda na infância, as crianças são ensinadas a dominarem e controlarem múltiplas tarefas, como atividades escolares, esportivas, aulas de idiomas, entre outros. Dessa forma, a cobrança pessoal, ao longo dos anos, se torna intrínseca ao ser humano.

A sociedade está constantemente exposta a um ideal de equilíbrio perfeito. Uma utopia em que todos os âmbitos da vida devem ser abrangidos com esmero e dedicação integral. Sem conseguirem atingir essa tão sonhada perfeição, os indivíduos crescem frustrados e sem perspectiva de rumos diferenciados.

Qual seria o verdadeiro equilíbrio perfeito entre o aproveitamento das oportunidades oferecidas, estimulado pela ambição do crescimento profissional, e o bem-estar social de um estilo de vida desacelerado?

O bem-estar e a felicidade de um indivíduo estão potencialmente conectados a proximidade da sua essência. A ideia de aproximação da essência humana individual pode ser vinculada a diversas formas de estímulo, desde pequenos apoios diários até incitações profundas e imersivas.

Tal conexão pode estar ligada a ideia de estímulos constantes, presentes no dia-a-dia, na rotina. Os estímulos benéficos rotineiros encurtam o percurso pela busca constante de reconexão.

Através da auto permissão para um respiro de paz ao chegar em casa após um dia profissional exaustivo ou de pequenas atividades de prazer, como esportes, atividades artísticas e até mesmo o ócio, o ser humano caminha para o desejado equilíbrio.

Estratégias de isolamento individual para imersões intensas de autoconhecimento tem um importante papel em auxiliar no resgate profundo da particularidade de cada ser humano.

Da mesma forma que comportamentos sociais tem o seu papel, meios externos também auxiliam como instrumentos de impacto. Meios como a natureza e a religião tem um poder instintivo de aproximar os indivíduos da essência humana. Através de

¹ Exigência que um indivíduo faz a si mesmo - "autocobrança", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023

estímulos visuais, sonoros e espirituais, tais elementos auxiliam na desaceleração e tranquilidade particular.

A arquitetura pode e deve ser pensada como um "território espiritual". A compreensão da essência de territórios espirituais surge como uma conceituação que deveria ser intrínseca a arquitetura em toda a sua história. A arquitetura deve ser pensada e projetada para os indivíduos que viverão aquele espaço.

Entendida como uma ferramenta para a configuração de espaços de qualidade, sejam eles de permanência ou de passagem, leva a concepção de uma arquitetura de experiências.

O entendimento de que a vivência do momento presente com dedicação completa pode ser vista como a resolução para um ritmo equilibrado na sociedade urbana atual.

Através da sua relevância na criação de espaços de qualidade, a arquitetura possui um papel importante no auxílio de um novo rumo para os centros urbanos. Seguindo no objetivo de que as cidades mantenham a sua essência, a arquitetura estará sempre presente como um instrumento dirigente para novos objetivos e necessidades humanas.

Dessa forma, a arquitetura assume o seu papel, não só em desacelerar os impactos psicológicos nos indivíduos, mas também tendo a responsabilidade de reduzir os impactos da sociedade no meio ambiente ao seu redor.

"A arquitetura não é para ser vista, é para ser vivida"

Paulo Mendes da Rocha

"A arquitetura não é para ser vista, é para ser vivida"

Paulo Mendes da Rocha

I. 2. METODOLOGIA

Ao entrar em contato com o tema a ser trabalhado, Novos Territórios Espirituais, surgiram diversas dúvidas, questionamentos e inquietações.

O processo de desenvolvimento de um tema tão relevante não tinha como ser constante. Durante o todo o ano, surgiram diversas incertezas que foram sanadas através de pesquisas e da estruturação de um processo lógico.

Para que o processo se desenvolvesse em uma base sólida, o estudo começou em cima de pesquisas e reflexões que levassem a entender alguns questionamentos, como: o que são "Territórios Espirituais". Qual a relação desses espaços com a sociedade? Qual a importância da arquitetura nesse tema?

A partir da estruturação teórica do conceito inicial, todo o processo de desenvolvimento do projeto e da dissertação ocorreram sempre em paralelo. A necessidade do entendimento de conceitos arquitetônicos, como os claustros, da relação entre a arquitetura e a arte, e muito outros, que serão destrinchados ao longo da dissertação, foram essenciais para a consolidação dos espaços arquitetônicos que foram desenvolvidos no projeto.

A arquitetura precisa ser sentida. Portanto, em diversos momentos ao longo do processo surgiu-se a necessidade de viver a arquitetura, experimentar espaços que trouxessem as pessoas sensações e pensamentos que correspondessem a pesquisa teórica que estava a ser desenvolvida.

Ocorreram diversas visitas de pesquisa ao longo do último ano de estudo. As primeiras ocorreram em um âmbito religioso, a Capela de São João da Arga e a Casa da Torre, ambas na região norte de Portugal. Em adendo, a visita a exposição do artista português Ruy Chafes na Fundação Serralves, na cidade do Porto, foi de essencial para o direcionamento do projeto.

Em abril para consolidar o desenvolvimento das ideias, foi feita uma visita ao local do projeto. Apesar do mesmo já ser conhecido de longa data, o retorno ao terreno foi fundamental para o esclarecimento de dúvidas mais específicas, e a experimentação local de sensações e percursos propostos.

Com a oportunidade oferecida pela ESAP de uma viagem de estudos a cidade de Berlim, foi possível vivenciar a espiritualidade através da arquitetura de maneiras muito diversas. A visitação a locais como Neue Nationalgalerie, The Feuerle Collection, Staatsbibliothek zu Berlin, Crematorium Baumschulenweg, Memorial do Holocausto,

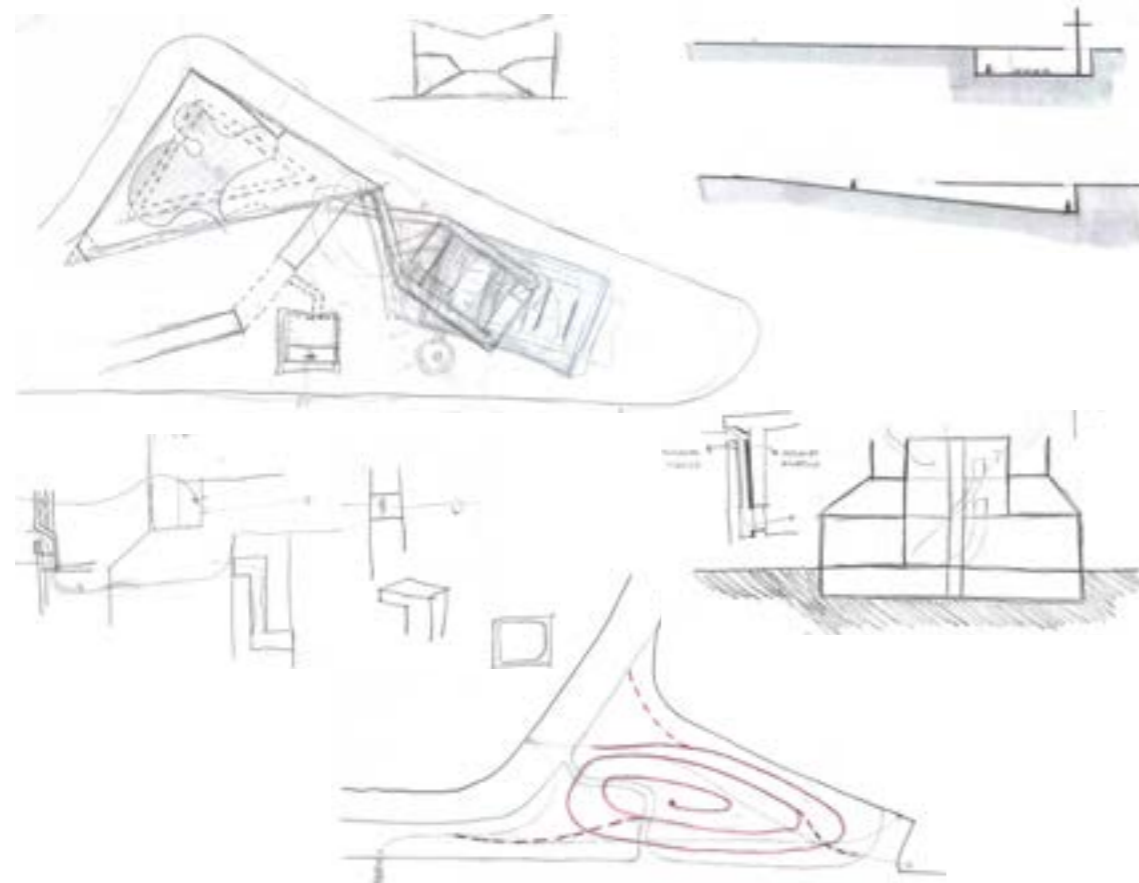


IMAGEM 01. CROQUIS DE TRABALHO

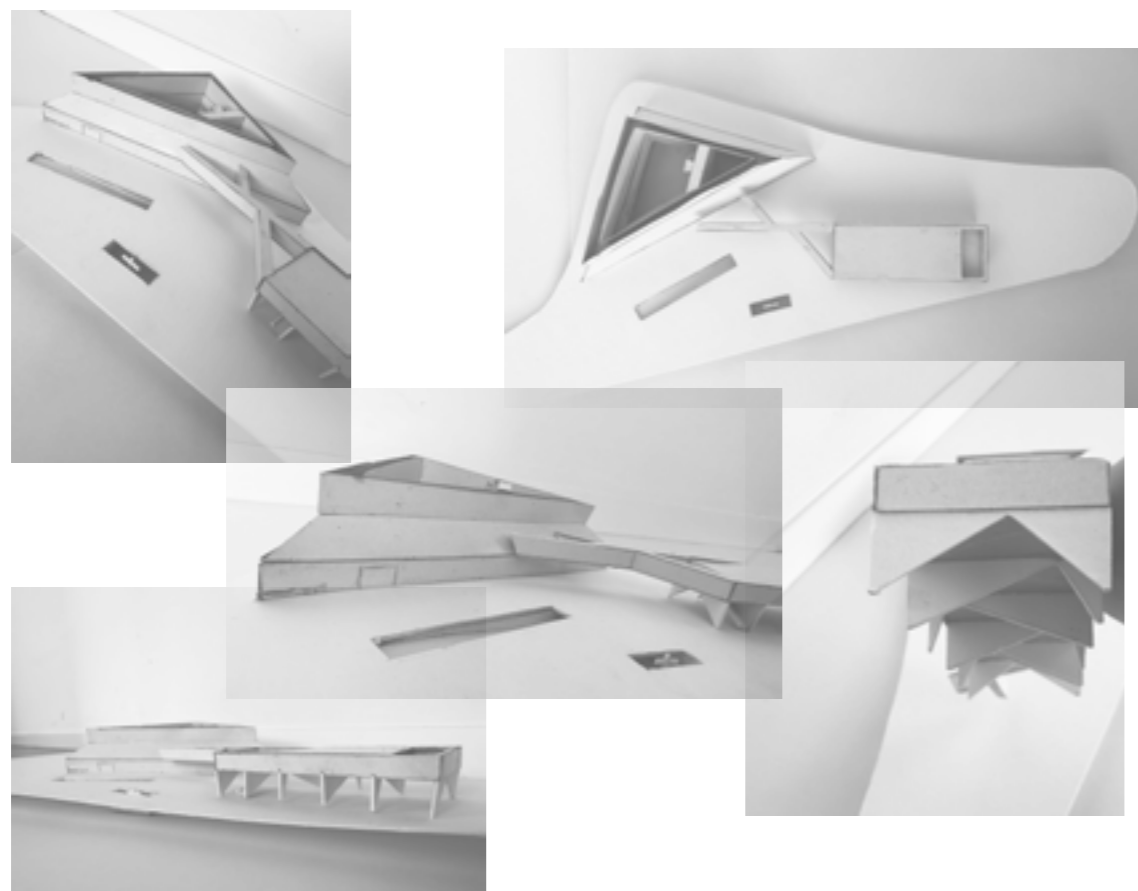


IMAGEM 02. MAQUETE DE ESTUDO

Neue Wache, Parque Sanssouci e outros, surgiu como um importante direcionamento do projeto.

O estudo da arquitetura portuguesa teve grande importância no processo de desenvolvimento do projeto, em especial as obras do arquiteto Álvaro Siza. A visita a diversas obras do arquiteto auxiliaram no estudo das espacialidades internas, relação com o envolvente e controle da luz natural. A visita ao Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso foi relevante para a vivência de intenções projetuais estudadas previamente.

A arquitetura vivida, sentida e experienciada foi de suma importância para reafirmar da importância cada vez maior de se projetar a arquitetura, sempre, como um território espiritual.

Com toda a pesquisa feita e as visitas de estudo vividas, os meses seguintes foram importantes para a consolidação do projeto arquitetônico.

Nos meses seguintes foi feita a lapidação da representação gráfica e a estruturação final da dissertação elaborada.

O caminho para o desenvolvimento deste projeto, com toda certeza, não foi em linha reta e constante. Com muitas incertezas e inseguranças o projeto avançou e retrocedeu em alguns momentos ao longo do percurso. Todo o apoio e orientações acadêmicas ao longo desse ano de estudo foram essenciais para que a tese e o projeto seguissem com um objetivo final.

Ao final de todo o processo, permanecerá a certeza de que a conclusão desse trabalho não é um final encerrado, mas uma porta aberta pra novas inquietações ainda mais profundas.

I. 3. OBJETIVOS

Esse trabalho tem como objetivo repensar a arquitetura, bem como o seu papel e impacto na sociedade atual.

Como a arquitetura interfere no estilo e na qualidade de vida de uma população?

O objetivo do trabalho desenvolvido foi entender como a arquitetura influencia nos sentimentos, sensações, humor, ou seja, no bem-estar dos indivíduos que vivem naquele espaço.

Como projetar espaços, desde os mais ordinários, com a vivência de experiências dignas de espaços "espirituais"?

Com isso, desenvolvendo os objetivos desse projeto em específico, veio a intenção de trazer espaços com usos que se opusessem ao contexto urbano da cidade do Rio de Janeiro. Pensar em ambientes com funções diversificadas que trouxessem um refúgio para os indivíduos da região.

Através da forma, da função e da materialidade, o projeto tem a intenção de trazer um "respiro" de paz para a região intervencionada.

Entender como a arquitetura pode ser pensada para estar conectada com o local no qual está inserida e dialogar com os indivíduos que serão os usuários dos espaços projetados.

Depreender como a arquitetura pode se reafirmar como o meio de conexão entre o ser humano e a natureza e se conectando com a essência da humanidade.

CAPÍTULO II: NOVOS TERRITÓRIOS ESPIRITUAIS

II. 1. A ARQUITETURA E A ESPIRITUALIDADE

A arquitetura, cada dia mais, se posiciona como uma disciplina multidisciplinar com o objetivo da criação de espaços de vivência. Para que possam ser criados ambientes de qualidade, a arquitetura não pode ser pensada de maneira individual. É nesse momento que a interdisciplinaridade se reafirma como essencial.

A criação de espaços que gerem sensações de bem-estar, felicidade, conforto e muitos outros sentimentos que levem o usuário a um lugar de evolução pessoal, se mostra como a única saída para a concepção de ambientes de qualidade. Essa qualidade espacial vislumbrada estimula o ser humano a uma busca pela sua interioridade, conectando cada um de maneira real e profunda com a sua essência.

Os seres humanos são naturalmente receptivos e influenciados pelo ambiente externo. Entretanto, a forma como a espacialidade irá refletir em cada um será sempre individual e incomparável. Cada usuário possui as suas próprias vivências e culturas e estas serão determinantes para conduzir a leitura espacial de cada um.

Apesar da individualidade de cada ser humano, a arquitetura possui instrumentos básicos que levaram todos a uma vivência agradável e revigorante.

Quando a arquitetura é pensada exclusivamente de forma técnica e legislativa, conceitos essenciais para a elaboração de espaços de qualidade ficam pelo caminho. Todo projeto deve ser pensado de forma a atrelar a funcionalidade e exigências técnicas a qualidade espacial.

Através de preocupações como o conforto térmico e ambiental é possível atingir quem frequentará o espaço de maneira a impactar na saúde e bem-estar de cada um.

Dessa forma, os elementos da natureza se reafirmam todos os dias como primordiais para a qualidade espacial que precisa ser criada durante a elaboração de um projeto. Aspectos como a ventilação cruzada, contato com a vegetação natural e com a luz solar levam os usuários a experimentar ambientes confortáveis, para que possam realizar as atividades necessárias nos espaços configurados.

A importância em prever a qualidade espacial surge no momento em que se tornam palpáveis os resultados positivos na saúde física e mental dos seres humanos.

O controle da luz natural é um fator que influencia de maneira direta a saúde dos usuários. Através da iluminação natural é possível controlar o ciclo circadiano – o



IMAGEM 03. BASÍLICA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

relógio biológico – de maneira a contribuir para a qualidade do sono e estimular a produtividade.

Ambientes iluminados tendem a estimular o funcionamento biológico dos seres humanos, os deixando atentos e estimulados a executarem as suas tarefas. A criação de espaços escuros, controlados, é capaz de estimular a criatividade, favorecendo uma maior liberdade dos indivíduos. Dessa forma, com o controle da luz e da sombra é possível estimular o homem a vivenciar de maneira intensa e focada cada experiência proporcionada.

Através do controle espacial previsto em projeto, criam-se sensações como introspecção e extrospecção. Um grande exemplo é a experiência vivida pelo pesquisador Jonas Salk ao visitar a Basílica de São Francisco de Assis, em Assis, na Itália, previamente a criação do Instituto Salk, em San Diego, nos Estados Unidos. Tal experiência foi influenciada pela configuração de uma série de fatores, como por exemplo, a dimensão da Basílica. Em ambientes de maior dimensão é possível estimular sensações mais intensas como um frio na barriga, tirando o indivíduo da zona de conforto. Ao criar ambientes mais contidos e de menor dimensão, um arquiteto, consegue estimular uma interiorização maior, gerando uma introspecção do usuário.

Em geral, a criatividade é associada exclusivamente com a atividade cerebral, entretanto, é possível estimular seu funcionamento a partir do comportamento do restante do corpo. O corpo em movimento é um grande aliado para o estímulo do pensamento criativo.

Fundada por Aristóteles 336 a.C., a Escola Peripatética é um exemplo concreto do estímulo cerebral através do movimento corporal. Fundada em 335 a.C. em Atenas, a escola tinha o objetivo de ensinar ciências, ética e filosofia a partir de um ensino individualizado, através de caminhadas com momentos para observações e experiências.

Ao serem definidos os materiais utilizados em um projeto, é possível guiar de maneira direta as qualidades espaciais citadas anteriormente como essenciais para o bem-estar dos seres humanos.

A liberdade de formas proporcionada pelo concreto, por exemplo, influencia diretamente na escolha e definição dos espaços que serão criados. Escolhas como o acabamento empregado nos materiais, cores utilizadas em projeto e a própria seleção dos materiais na sua forma bruta, terão um impacto direto nas sensações e sentimentos que serão vivenciados pelos usuários.



IMAGEM 04. INSTITUTO SALK

A determinação de um material ou de uma qualidade espacial de forma individual está atrelada nos seus impactos nas configurações e aprimoramento dos espaços criados. Com isso, o conjunto de escolhas e definições de projeto irão configurar a qualidade completa do espaço que será vivenciado pelo usuário.

Ao viver durante algum tempo na Itália, o pesquisador americano Jonas Salk percebeu a influência que a Basílica de São Francisco de Assis tinha no seu estado de espírito. Ao frequentar com assiduidade a Basílica, o pesquisador percebeu que as suas idas ao local lhe traziam inspiração e criatividade.

Quando retornou aos Estados Unidos e decidiu criar o Instituto Salk, Jonas incumbiu ao arquiteto Louis Kahn a tarefa de desenvolver um projeto que trouxesse para os pesquisadores e trabalhadores do local a mesma sensação que a Basílica de São Francisco de Assis lhe trazia.

O projeto elaborado para o Instituto traz diversas referências da grande inspiração de Jonas Salk. Em primeiro plano Kahn constrói uma grande praça central, remetendo a caminhada ao altar da Basílica. Com a grande praça, o arquiteto cria, com uma atitude aparentemente simples, um eixo d'água que liga o Instituto ao Oceano Pacífico. Esse elemento busca a conexão com a natureza, paz, tranquilidade e guiar o olhar do usuário para o ponto de interesse do projetista.

A partir do eixo central criado, o arquiteto gera uma simetria entre os blocos, a fim de trazer aos usuários uma sensação de serenidade na organização do olhar e enfatizando a monumentalidade do local.

Para permitir a entrada de luz natural nos espaços de pesquisas inferiores, Kahn volta a trazer inspiração do claustro do Mosteiro de São Francisco de Assis. Através das aberturas, o arquiteto possibilita a conexão dos espaços fechados com a natureza através da luz natural. Dessa forma, reforça a presença dos elementos da natureza, como a luz e a água, como elementos que integram a "materialidade" do projeto.

Todos os materiais foram utilizados com uma intenção prévia do arquiteto. Através do mármore, o projeto, ressalta de maneira sutil, a monumentalidade do pátio central, uma vez que o arquiteto busca aproximar o tom do concreto aparente ao tom do mármore travertino. O concreto é utilizado com acabamento aparente com o intuito de ressaltar a essência e naturalidade do material. Como forma de interromper a predominância do concreto e pedras, surgem as janelas com acabamento em madeira teca.

A compreensão da influência dos espaços na atividade corporal dos indivíduos é importante para que seja entendida a relevância da arquitetura no estímulo dos seres humanos. A dimensão dos espaços, o contato com a natureza, a escolha material e



IMAGEM 05. SANATÓRIO DE PAIMIO

muitas outras definições são essenciais para a criação de ambientes arquitetônicos de qualidade.

Com o objetivo de criar espaços que favorecessem a cura e reabilitação dos pacientes, no Sanatório de Paimio, na Finlândia, o arquiteto Alvar Aalto projeta um edifício que sirva como elemento de cura no tratamento.

Através das segregações e conexões entre os edifícios, Alvar Aalto define de maneira clara os momentos de trocas e privacidade dos usuários. Esses momentos acontecem através das segregações dos edifícios, a partir dos usos, e da criação de pátios internos e terraços que estimulem espaços comuns de estar.

A orientação solar tem um papel muito importante nesse projeto. Através da intenção de conseguir o maior aproveitamento da luz solar para as salas de repouso, Alvar Aalto busca facilitar a recuperação dos doentes, uma vez que o contato com a mesma tem altas propriedades curativas.

A iluminação artificial e as cores foram utilizadas de maneira muito consciente, buscando um maior conforto aos pacientes em suas acomodações. Uma vez que os pacientes passariam a maior parte do tempo deitados, o arquiteto opta que todas as paredes sejam pintadas na cor branca, trazendo apenas a cor verde para o teto, já que a mesma tem o potencial de trazer calma, tranquilidade e bem-estar. Através da iluminação indireta são reforçadas as intenções de alcançar o conforto e a tranquilidade nos ambientes.

Para o projeto, elementos como a natureza, luz do sol e ventilação natural foram pensados como primordiais. Os mesmos foram projetados para que fizessem parte da arquitetura, na sua composição, de forma a auxiliar no conforto dos espaços internos e na recuperação dos pacientes.

"A arquitetura moderna não significa o uso de um novo material, e sim utilizar os materiais existentes de uma forma mais humana."

Alvar Aalto

O conceito de projetar uma "arquitetura humana", perseguido, desde sempre, pelo arquiteto finlandês, está em pauta desde o século XX. Nos dias de hoje, o assunto se mostra como um tema extremamente atual, sendo reforçado por diversos arquitetos contemporâneos.



IMAGEM 06. TERMAS DE VALS

Ao desenvolver o conceito das cavernas, inspirado nas pedras de quartizito da própria cidade de Vals, na Suíça, Peter Zumthor cria nas Termas de Vals uma completa experiência sensorial.

O arquiteto se apropria da pedra com enorme dignidade e respeito. A maneira como estas são utilizadas de forma nua e pura, traz uma proximidade muito grande com a naturalidade e espontaneidade da natureza, assemelhando-se a imensa rocha que brota da montanha da região.

A partir da qualidade dos espaços criados com todo o controle da natureza, os usuários se sentem à vontade para serem livres dentro dos espaços, sem amarras.

É perceptível que a pedra aparece no projeto como material principal, entretanto, é possível perceber que a conjugação com a luz cria contrastes de luz e sombra e a combinação desses elementos com a água vão criando reflexões e sensações inusitadas nos usuários.

"Montanha, pedra, água - construindo na pedra, construindo com a pedra, dentro da montanha, brotando da montanha, pertencendo à montanha -, como as implicações e a sensualidade das associações entre essas palavras podem ser interpretadas, arquitetonicamente?"

Peter Zumthor

Através das combinações de luz e sombra, de amplitude e compressão dos espaços e da sua própria forma, a arquitetura conduz de maneira inconsciente, mas planejada pelo arquiteto, a perspectiva dos usuários, de forma a percorrermos os seus caminhos através de uma experiência sensível e restauradora. Dessa maneira, contrariando a tendência natural em que, os mesmos, usualmente são induzidos pela luz e elementos da natureza.

"O meandro, como nós chamamos, é um espaço negativo desenhado entre os blocos, um espaço que conecta tudo que flui pelo edifício, criando um ritmo pulsante tranquilizante. Percorrer esse espaço significa fazer descobrimentos. Você está caminhando como se estivesse nas árvores. Todos ali estão procurando um caminho para eles próprios."

Peter Zumthor



IMAGEM 07. SANTUÁRIO DE SÃO JOÃO DS ARGA

Diversas referências como as estudadas anteriormente levam a entender a necessidade de estar em constante atenção e estudo para o desenvolvimento de projetos arquitetônicos. A pesquisa realizada ressalta a ligação intrínseca entre um projeto a ser desenvolvido e o local em que o mesmo será inserido, juntamente com a importância de compreender os indivíduos para quais o mesmo será designado. Dessa maneira, poderá ser atingida a tão necessária espiritualidade arquitetônica.

A visita de forma presencial a casos de estudo como o Santuário de São João D'Arga, em Portugal e a Neue Nationalgalerie, na Alemanha, são essenciais para que a importância de todos os conceitos de uma arquitetura mais humana sejam vivenciados e assim compreendidos na sua totalidade.

Situado na Serra D'Arga, em Caminha, no extremo norte de Portugal, o Santuário de São João D'Arga engloba um mosteiro e uma pequena capela, ambos dedicados a São João Baptista.

Com uma arquitetura românica tipicamente idealizada por volta do século XIII, ao longo dos anos, o santuário se conformou como um local de romaria dos fiéis que partem da cidade de Caminha.

Em um local totalmente envolvido pela natureza, o santuário proporciona ao visitante um percurso de paz e tranquilidade. Após caminhar por meio ao bosque e sobre o rio, ao chegar a capela o fiel se encontra em um local com pontos de visão para a exuberante paisagem da região.

A capela e o mosteiro localizados no santuário possuem uma arquitetura com poucas intenções espirituais, entretanto, a forma como o santuário se relaciona com o entorno cria uma atmosfera totalmente diferenciada ao fiéis que possuem a oportunidade de visitar o local.

A criação de um percurso de acesso por entre a natureza, afasta os elementos urbanos, como os automóveis e estradas, da paz existente no santuário. Conforme percorrem o caminho até a capela, os fiéis possuem a oportunidade de escutar os sons e sentir os cheiros da natureza, através da ativação diversos sentidos humanos os visitantes se conectam com a espiritualidade do local.

Ao longo do percurso são inseridos elementos característicos da religião católica, como a cruz, que sutilmente auxiliam na conexão religiosa dos fiéis com Deus.

A valorização do entorno em todos os momentos do santuário são essenciais para a vivência do local. A relevância desejada, através da implantação arquitetônica, para as vistas panorâmicas existentes no local, se configuram como a peça final para a conexão dos visitantes com o poder divino.



IMAGEM 08. NEUE NATIONALGALERIE

Em um projeto arquitetônico, as intenções de relação com o envolvente podem acontecer de diferentes maneiras. As intenções podem surgir para reafirmar o entorno, como acontece no Santuário de São João da Arga, ou para afastar o entorno como Mies Van Der Rohe projeta na Neue Nationalgalerie.

Localizada no centro de Berlim, a galeria de arte moderna projetada por Ludwig Mies Van Der Rohe cria uma experiência arquitetônica muito única e especial.

Atráves dos princípios da Bauhaus, o arquiteto cria uma obra modernista que busca a simplicidade, funcionalidade e a estética industrial da época. No projeto em questão a estética da materialidade típica do modernismo é de extrema importância para a sua relação com o contexto em que a galeria está inserida.

Elevando sutilmente o nível do rés do chão, Mies Van Der Rohe cria uma grande praça pública que atrai quem passa pela galeria a visitar e permanecer no local.

Com as paredes do nível térreo todas em vidro o arquiteto alemão cria uma conexão visual muito forte entre o espaço interno do museu e a praça criada. Entretanto, através da cobertura metálica plana, que transpassa o limite das paredes em vidro, o projeto cria um limite sutil entre o espaço exterior e interior.

Uma vez que o arquiteto atrai os visitantes para dentro da galeria, o mesmo consegue desconectar quem está dentro do que acontece no exterior. No nível de entrada do museu, a imponência dos materiais e da escala do grande espaço livre atraem totalmente os olhares para as exposições que acontecem dentro do espaço expositivo.

Após criar um primeiro filtro entre a cidade e a galeria, Mies conduz os visitantes ao restante da exposição no subsolo do museu. Neste momento, o expectadores são desconectados totalmente do contexto urbano e conectados com a arte exposta na galeria.

Nesse ambiente expositivo, criado no nível inferior, o arquiteto controla totalmente a iluminação natural e faz uso apenas da iluminação artificial, reforçando a desconexão com o exterior.

Com a ambientação criada pelo arquiteto, o mesmo conduz o expectador a percorrer a exposição e instiga os visitantes a serem guiados pela luz natural criada pelo pátio interno. A luz natural controlada por Mies, percorre as paredes da galeria e gera diferentes sensações em quem percorre o espaço.

Além da própria conexão com a arte, que por si só gera reflexões e sentimentos nos visitantes, o arquiteto gera novas sensações através da conexão com a natureza.

A natureza possui um potencial único de gerar reflexões e sentimentos diversos nos seres humanos. Portanto, em um contexto totalmente urbano e controlado, a conexão entre a arte e a natureza tem a capacidade de gerar nos visitantes um respiro de paz e introspecção inesperado.

"Negamo-nos a reconhecer os problemas da forma, só aceitamos os problemas da construção. A forma não é o objetivo do nosso trabalho, mas apenas o seu resultado. A forma não existe por si mesma"

Ludwig Mies Van Der Rohe

Com as referências arquitetônicas estudadas e vivenciadas, é possível entender que a arquitetura pode se tornar espiritualizada sem estar necessariamente conectada as religiões. Através de diversas camadas de decisões projetuais, a arquitetura tem a capacidade de atingir sensações e sentimentos muito particulares nos indivíduos que a vivenciam.

Cada escolha feita ao longo do processo de projeto auxilia nas intenções do arquiteto de criar uma arquitetura mais humana para quem vivenciará o espaço projetado.

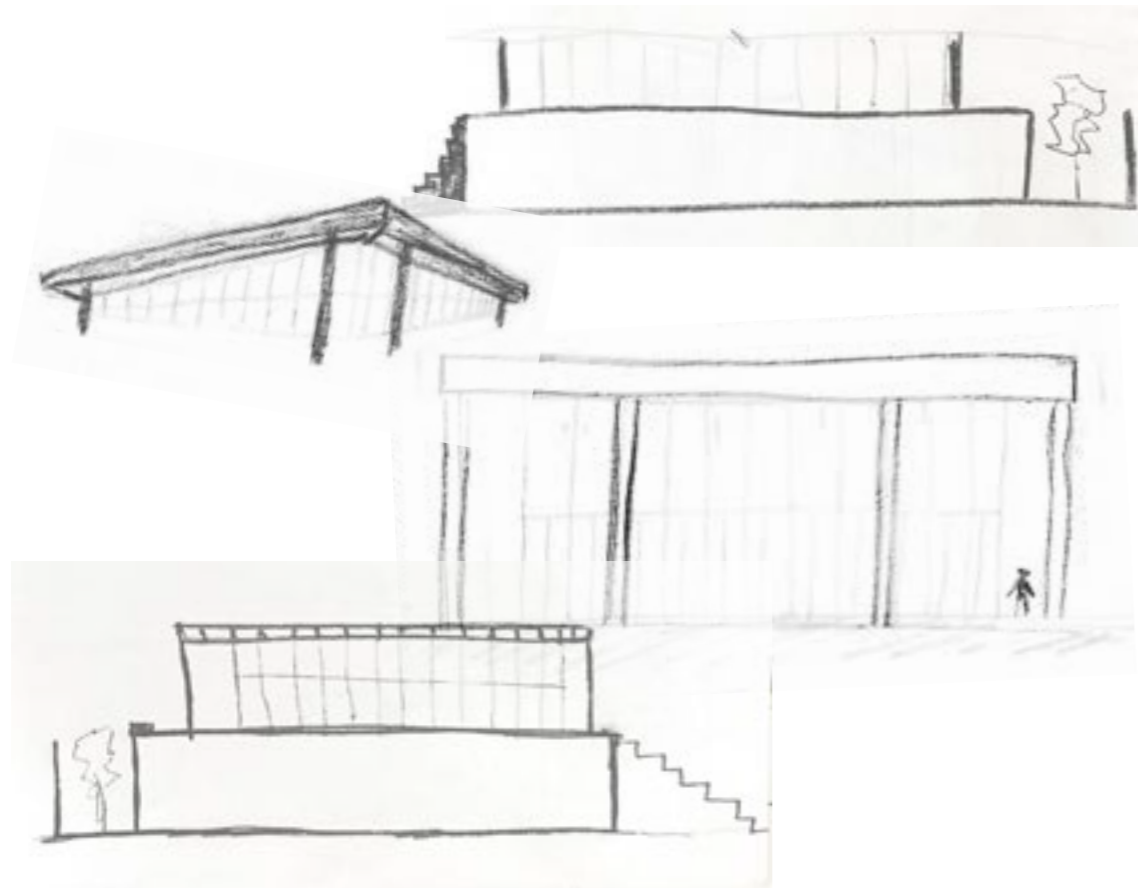


IMAGEM 09. CROQUIS NO LOCAL, NEUE NATIONALGALERIE

II. 2. A ARQUITETURA E A ARTE

"Produção de obras, formas ou peças orientadas por um ideal estético ou com o objectivo de expressar subjectividade ou transmitir um conceito ou uma mensagem (ex.: arte dramática; arte poética; arte da pintura)"

"arte", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023



IMAGEM 10. EXPOSIÇÃO RUY CHAFES EM SERRALVES

Para que seja possível entender o papel da arquitetura no universo das artes, foi necessário entender a origem da arte, a sua definição linguística e o papel desta perante a sociedade.

A arte como forma popularmente compreendida, estaria limitada as artes plásticas, como pinturas e esculturas, ou das artes cênicas, como teatro e cinema?

Entendendo a arte como uma "produção de obras, ... com o objetivo de expressar subjetividade ou transmitir um conceito ou uma mensagem" é possível vislumbrar uma ampla gama de segmentos que se enquadram com um mesmo objetivo. Com isso, temos desde as popularmente reconhecidas, como as artes musicais, até as de menor visibilidade, como a arte culinária.

Em todos os âmbitos das expressões artísticas é possível visualizar o interesse em comum de levar aos usuários uma experiência única e individual. Assim como citado pelo artista plástico Ruy Chafes em entrevista ao crítico português Alexandre Melo:

"O vazio é absoluto e só pode ser preenchido pela verdade (beleza), pela identidade e pela consciência do nada do próprio vazio. Só a forma e o vazio são universais. Tudo o mais é pó."

Ruy Chafes: citação retirada do ensaio de Hubertus Gassner in Harmonia, Porto: Galeria Canvas & Companhia, 1998.

A verdade, nesse contexto, se consolida como uma percepção individualizada, uma vez que o vazio se mostra como universal, e, dessa forma, sendo preenchido com a verdade particular de cada expectador.



IMAGEM 11. EXPOSIÇÃO RUY CHAFES EM SERRALVES

Em sua exposição no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Ruy Chafes, trouxe o conceito de arte de uma maneira muito sensível através da convocação ao espectador de sentir o momento por meio de diferentes sensações.

Invitando dualidades como claro/escuro, quente/frio, pausa/movimento, presença/ausência, o artista guia o usuário a reflexões, particulares e totalmente singulares, que os induzem ao questionamento das suas crenças, a uma autoanálise e atingindo o âmbito da espiritualidade.

A vivência experienciada através da exposição citada, nos leva a entender o lugar da arquitetura como expressão artística.

No âmbito que, por mais que o artista conduza o espectador pela experiência, a percepção será sempre individual de cada usuário. A arquitetura se conjectura como uma arte, perante muitos olhares, subjetiva.

A conformação dos espaços a serem criados são o ponto de partida do processo criativo arquitetônico. Qual a vivência que o usuário terá no espaço a ser criado? Qual a sensação? Qual o uso? Qual a intenção de habitação? Entretanto, o fato de não ser possível colocar uma arquitetura dentro de um tradicional "White Cube", em um museu, afasta a percepção da arquitetura como arte.

"Pela sua assertividade e pertinência, este paradigma do Museu como um local que aflora o sagrado, continua bem vincado no nosso entendimento dessa instituição,

...

Existe um certo pudor ou relutância em abandonar a acepção romântica do museu, como sendo o templo que zela pelas obras de arte de gênios criativos."

Whitebox - Frederic Manuel Oliveira Figueiredo, para a Faculdade de Belas Artes da Universidade do

Porto

Em concepções como o projeto Teshima Art Museum, do arquiteto Ryue Nishizawa (1966), para uma série de museus nas ilhas de Naoshima, Teshima e Inujima, no Mar Interior de Seto, no Japão, veem-se firmando a visão da arquitetura como arte.

O arquiteto japonês, Tadao Ando, largamente conhecido por sua arquitetura sensorial, através do tratamento da luz, da sombra, da materialidade e da relação com a natureza, defende veementemente que a arquitetura deve ser pensada de maneira espacial.

"Quando projeto edifícios, penso em uma composição global, como partes de um corpo que se encaixam. Sobretudo, penso como as pessoas se apropriarão do edifício e como experienciarão aquele espaço... Se você oferecer às pessoas o nada, elas refletirão sobre o que pode ser alcançado a partir daquele nada."

Tadao Ando

Através do Chichu Art Museum, em Naoshima, Tadao Ando executa de forma visível o seu conceito de concepção dos espaços apropriação e experiência.

O arquiteto se apropria do local de intervenção, escavando, no topo de uma montanha, e realizando subtrações, para a consolidação de pátios de formas geométricas diversas. Os espaços são acessados através de um percurso pedonal contínuo, que leva o indivíduo a diferentes sensações, e momentos controlados de contato com a natureza envolvente.

A arquitetura consegue transmitir de maneira mais simples e clara a sua mensagem, quando se apropria das referências espaciais históricas do arquiteto projetista e das referências culturais e ambientais do local em que o projeto será consolidado. Desta forma, a arquitetura se posiciona como uma arte de intensa apropriação espacial.

Ao visitar projetos como o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, projetado pelo arquiteto português, Álvaro Siza, é possível visualizar de maneira muito clara a inserção da arquitetura no contexto artístico.

Em um primeiro momento a partir da beleza escultórica do museu, o arquiteto gera um impacto visual desconfortante e quem se aproxima do local. Entendendo que a beleza estética é algo enigmático e interpretativo, o impacto gerado pelo museu instiga o visitante a percorrer os espaços criados para que seja possível compreender a arquitetura criada por Siza.

Com uma relação sutil entre os espaços criados e a arte exposta, a visita ao museu se configura também como uma visita às espacialidades e ambientações criadas interna e externamente através da arquitetura.

As formas criadas através dos planos existentes no projeto, levam a mente e imaginação do visitante a lugares muito individuais, relativos a vivência de cada indivíduo, seja ele fotógrafo, arquiteto, engenheiro, biólogo, entre infinitas outras visões de vida e de arte.

De inúmeras maneiras a arquitetura possui a capacidade de cativar e instigar quem a visita. Dessa forma, tendo a possibilidade de influenciar a vida dos seres humanos.



IMAGEM 12. CHICHU ART MUSEUM

II. 3. CLAUSTROS

A palavra claustro provém do latim "claustrum", que significa "lugar fechado". Os primeiros claustros surgem por volta do século XI na Europa Ocidental, a partir de demandas arquitetônicas no âmbito religioso.

Os claustros, originários de dentro dos mosteiros e conventos, se consolidam arquitetonicamente como corredores periféricos, fechados para o contexto urbano ou rural, em que estivessem inseridos, e abertos para o pátio central. Com aberturas verticais voltadas para o pátio, os elementos modulares utilizados trazem ritmo ao percurso "circular" criado.

A metonímia utilizada através da palavra "circular" surge com a intenção de se aproximar da continuidade infinita gerada da forma geométrica do círculo, uma vez que os percursos criados nos claustros não tem a intenção de direcionar as pessoas que ali convivem a outros lugares, mas sim de estimular as orações deambulatórias.

Assim como estimulado pela Escola Peripatética, fundada por Aristóteles, os claustros, por meio das reflexões em caminhada, estimulam através do movimento físico, a conexão espiritual com o divino e as elucubrações intelectuais de quem ali habita.

De maneira usual, os claustros surgem a partir de plantas baixas quadrangulares, derivadas dos usos principais, existentes no mosteiro, como as igrejas e células dos dormitórios. Por ser um espaço que nasce em derivação de usos pré-determinados, como a igreja, refeitório, dormitórios e muitos outros, ao longo do tempo sugerem formatos variados como o claustro circular no Palácio de Carlos V, em Granada, na Espanha, e o claustro em cruz no Convento de Sainte-Marie de La Tourrette, na França, a ser citado posteriormente no capítulo II.6.

As variações de formatos, tamanhos e elementos decorativos utilizados em cada claustro trazem personalidade e individualidade para cada projeto arquitetônico elaborado.

Com algumas funções principais, os claustros, em geral, se firmaram como o local de conexão entre os demais espaços dos mosteiros. Em seu percurso periférico, o pátio central concentra os diversos acessos aos demais espaços da edificação. Por terem uma característica centralizadora, os claustros são comumente utilizados como local de estudo e trocas entre os monges, padres ou freiras que ali habitam.

Os claustros, possuem uma papel importante para os indivíduos religiosos que ali habitam que é a conexão com a natureza e isolamento dos arredores urbanos. O



IMAGEM 13. CLAUSTRO DO PALÁCIO DE CARLOS V



IMAGEM 14. CLAUSTRO DO CONVENTO SAINTE-MARIE DE LA TOURRETE

claustro surge com o objetivo de criar um ambiente de paz, tranquilidade, introspecção e meditação. Nesses momentos, os percursos periféricos “infinitos” e ritimados funcionam como um instrumentos para o devaneio da mente.

No interior dos claustros, comumente são criados pátios que possuem uma conexão visual com o céu e com o que acontece nos outros pavimentos da edificação. Para acessar esses pátios centrais as barreiras nas modulações são interrompidas de forma que abram espaço para passagem.

No centro dos pátios geralmente são criados alguns elementos de exceções que trazem personalidade e características individualizadas para os espaços. Entre esses elementos, podem existir fontes, jardins e escadas para acesso aos pisos superiores.

Através de todo a espacialidade e do percurso criado, os claustros criam, com êxito, uma interligação entre a vida mundana e a vida espiritual, de forma a conectar as pessoas para a sua espiritualidade individual.

II. 4. ESTUDO DE CASO: CHICHU ART MUSEUM, TADAO ANDO

O Chichu Art Museum está entre as obras mais impressionantes do arquiteto Tadao Ando. Localizado na ilha de Naoshima, no Japão, um arquipélago com um planejamento cultural voltado para a arte e a arquitetura, o museu foi concluído no ano de 2004 e envolve temas que foram estruturantes para o desenvolvimento dessa tese.

Idealizados pelo empresário japonês, Soichiro Fukutake, os projetos realizados na ilha surgiram com o objetivo de consolidar um local onde fosse possível se desconectar das grandes cidades japonesas e se aproximar de um estilo de vida mais simples e lento. Dessa forma, se conectando com a arte e a natureza e tendo a arquitetura como elo propulsor.

Chichu em japonês significa "dentro da terra". Tadao Ando projeta o Chichu Art Museum enterrado no terreno, para que a arquitetura se integrasse totalmente com o local, sem criar um impacto visual para a região e tirando proveito da topografia e da vista exuberante.

Apesar de enterrado, o arquiteto cria espaços, no museu, que se conectam constantemente com a natureza exterior, de maneira direta e indireta. Através de diversas aberturas para entrada de luz, pátios internos e visadas para a paisagem, Tadao Ando traz a natureza local para o interior do projeto, promovendo aos usuários uma relação de paz e reflexão com a mesma.

O museu foi integralmente projetado visando o local em que estaria inserido. Tadao Ando deixa claro, através da arquitetura, que o projeto foi elaborado de maneira quase que intrínseca ao terreno específico, validando constantemente a natureza local. Dessa maneira, o museu se configura como um projeto totalmente único, sem a possibilidade de ser vislumbrado em nenhum outro local.



IMAGEM 15. CHICHU ART MUSEUM

"Você não pode simplesmente colocar algo novo em um lugar. Você tem que absorver o que vê ao seu redor, o que existe na terra, e então usar esse conhecimento, junto com o pensamento contemporâneo, para interpretar o que você vê."

Tadao Ando

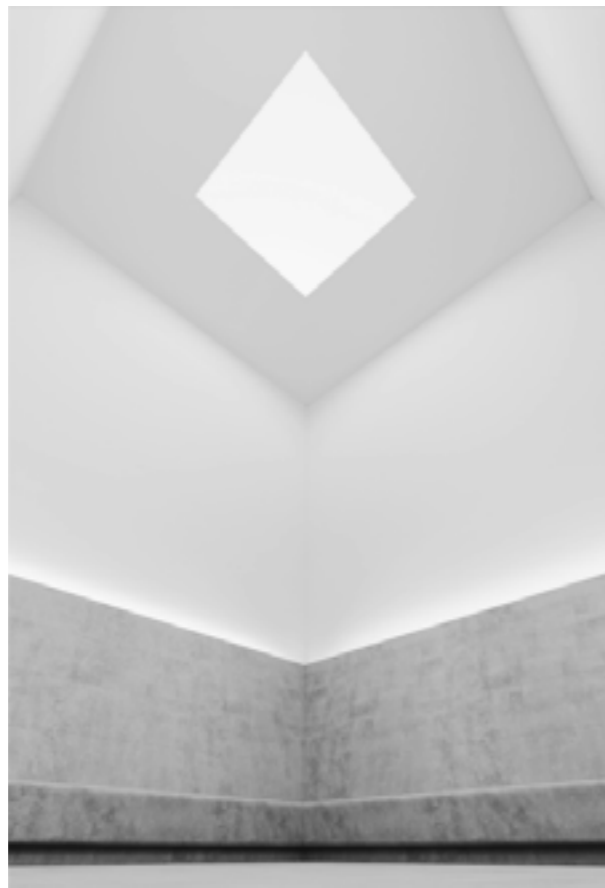


IMAGEM 16. CHICHU ART MUSEUM

Como um dos símbolos da arquitetura brutalista contemporânea, Tadao Ando, utiliza da dicotomia entre a brutalidade do **concreto** aparente, a sutileza da **luz** e a exuberância da **natureza** para alcançar o que chama de santíssima trindade.

Seguindo a sua particularidade na escolha dos materiais, o arquiteto Tadao Ando, utiliza o concreto, na sua forma bruta, como material principal. Mesmo que utilizado na sua forma natural, o concreto foi pensado e planejado desde a sua função estrutural até a estética da sua cofragem.

A utilização de outras texturas como, a grama e pedras em locais específicos acontece de acordo com o desejo do arquiteto em relação as percepções dos usuários. Com o uso de um material único e escolhas diferentes em ambientes pontuais, Ando consegue projetar sobre os usuários as sensações de paz, tranquilidade e momentos de intensa reflexão, previstos em projeto.

"Eu acredito que a maneira que as pessoas vivem pode ser um pouco direcionada pela arquitetura."

Tadao Ando

A pureza espacial das formas geométricas utilizadas para configuração dos espaços, aliada aos traços fortes dos planos de entrada e caminhos guiados, traz a dualidade entre a inquietação e a serenidade gerada pelos espaços. Tadao Ando direciona o usuário pelos percursos criados, de forma a levá-lo aos diferentes espaços por entre as obras de arte e a natureza.

O museu é constituído de três galerias principais, dedicadas aos artistas Claude Monet, James Turrell e Walter de Maria. Ao longo dos percursos projetados para conectar os espaços, o arquiteto faz uso das contradições - luz/sombra, aberto/fechado, amplo/confinado - de forma a guiar as sensações dos indivíduos ao percorrerem as diversas áreas.

Dessa maneira, Tadao Ando consegue, através da arquitetura, desconectar os observadores do ambiente exterior e trazê-los para uma experiência introspectiva, de ligação com a essência humana.

Com toda a escolha minuciosa dos materiais empregados, as conexões precisas com o exterior do museu e os percursos de interligação entre os espaços criados, o projeto do arquiteto Tadao Ando foi um importante estudo de caso para o desenvolvimento da dissertação e do trabalho de projeto do V ano.

II. 5. ESTUDO DE CASO: THE FEUERLE COLLECTION, JOHN PAWSON

The Feuerle Collection surge a partir do restauro de um antigo “bunker” de telecomunicações, oriundo da Segunda Guerra Mundial, na cidade de Berlim, na Alemanha.

Idealizado pelo historiador de artes francês, Desiré Feuerle, o museu foi projetado para abrigar a sua coleção pessoal de artes milenares ocidentais e artistas contemporâneos internacionais.

A necessidade de combinar o antigo com o novo, desde a arquitetura até as coleções de arte exibidas, coincide de uma maneira quase sinestésica com a arquitetura minimalista do arquiteto britânico, John Pawson.

“It is just so massive, so monumental, with such a charged atmosphere. This is a building designed by an engineer, who had real taste and an eye for proportion and scale. We didn’t want to change anything here.”

John Pawson



IMAGEM 17. SALA DO LAGO, THE FEUERLE COLLECTION

A intenção do arquiteto em intervir de uma forma extremamente sutil no local foi essencial para que a história e a reminiscência fossem recordadas. John Pawson decide por trazer qualidade ao projeto através de elementos pontuais que valorizassem as características da arquitetura original que lhe eram interessantes.

Ao realizar a visita de estudos à Berlim, no âmbito do desenvolvimento do trabalho proposto, foi possível compreender que a ambientação desenvolvida com o projeto é vital para a apreciação da experiência oferecida pelo museu. Todo o controle criado no espaço é essencial para a vivência do observador.

O principal elemento utilizado pelo arquiteto para a criação da atmosfera do local foi o controle da iluminação. John Pawson utiliza a iluminação de maneira focal, ilumina as obras de arte com focos em ângulos fechados, cria penumbras nas áreas de passagem e projeta espaços totalmente escuros de acordo com os objetivos previstos. O efeito de oposições criado, entre claro e escuro, faz com que os visitantes percam a noção de tempo e espaço e vivam a experiência por inteiros.

A visita se inicia em uma sala, completamente escura.

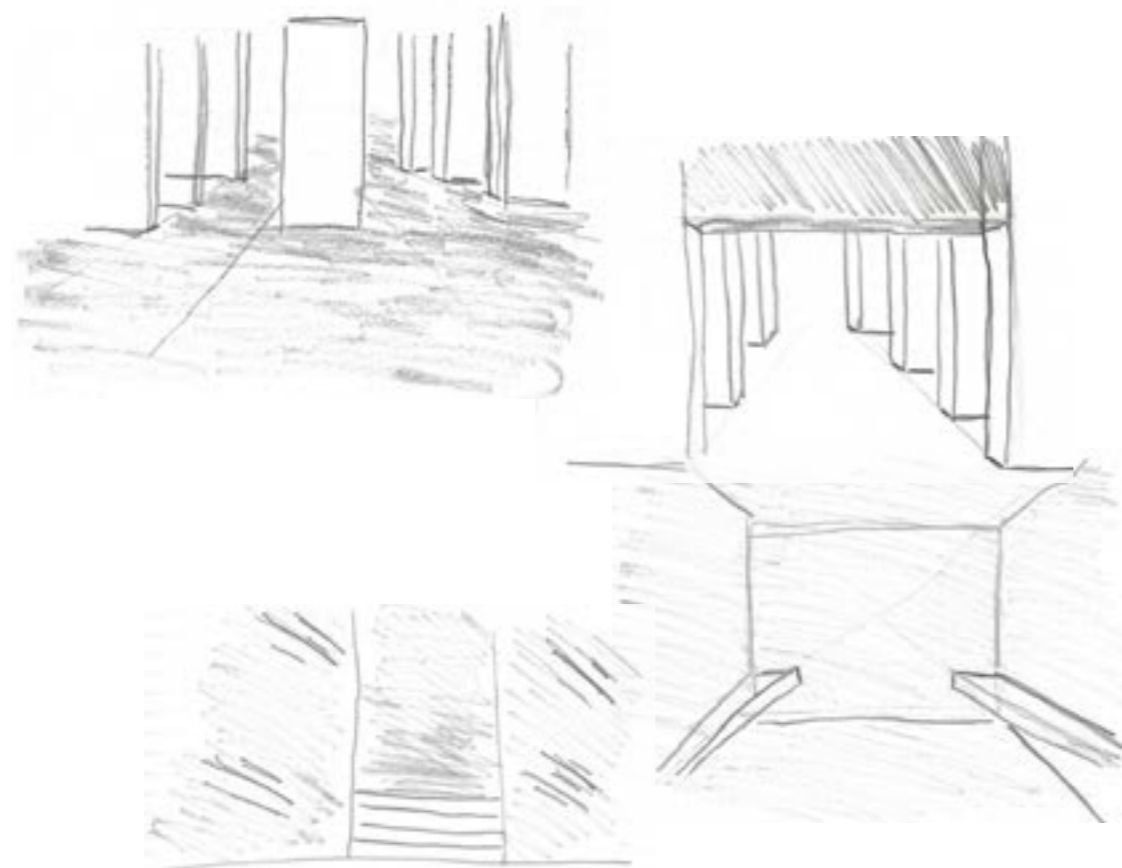


IMAGEM 18. CROQUIS NO LOCAL, THE FEUERLE COLLECTION

Em uma espera preliminar, ao passar alguns minutos dentro da pequena sala, a falta de iluminação, gera uma série de sensações aos visitantes. Quase como uma espécie de meditação, esse momento inicial ativa os sentidos humanos. A visão começa a ficar acostumada com a escuridão e os observadores conseguem perceber sutilmente o espaço em que estão. A audição permanece atenta a música instrumental, composta pelo compositor norte americano, John Cage, que toca no fundo. As palmas das mãos sentem as paredes frias, originais do bunker. Todas essas sensações são criadas com o intuito de preparar os visitantes para o que virá na exposição.

O primeiro impacto, ao entrar na sala principal, se dá pela imponência no alinhamento dos pilares centrais. Após a entrada, que traz grandiosidade a primeira sala de exposições, a iluminação projetada pelo arquiteto guia o olhar de quem circular pelo ambiente de forma a trazer foco para as obras de arte.

Ao longo do percurso pelo primeiro pavimento do museu, o arquiteto cria dois momentos de excessão que trazem curiosidade aos expectadores. A intenção de criar dois espaços com características diferenciadas ao longo da passagem pela penumbra, instiga no visitante uma vontade de descoberta do desconhecido.

Nesses dois espaços excepcionais, criados pelo arquiteto, temos a "The Incense Room" e a "The Lake Room".

As criações das duas salas singulares, se configuram como as intervenções arquitetônicas de maior impacto na arquitetura original. Para o projeto da "Sala do Incenso", John Pawson cria uma plataforma elevada em uma das laterais do salão principal, a mesma se configura toda forrada, externamente, por espelhos. Com o uso das paredes espelhadas, o arquiteto consegue guiar a atenção de quem visita a exposição, trazendo concentração para os visitantes. O acesso para a sala dedicada a tradição espiritual chinesa acontece por uma pequena escada que chega em uma ante-sala totalmente escura, criando novamente um espaço inicial de preparação mental, através do controle da iluminação.

O surgimento da "Sala do Lago" acontece ao longo do processo de restauro do "bunker" original. Durante os dois anos de obra do museu, ocorreram diversos processos longos de recuperação do local, como a retirada dos rebocos remanescentes nas paredes, recuperação da textura do concreto e outros. Ao se deparar com um grande vazamento de água em uma das salas, Pawson vislumbrou a criação de um espaço espiritual que reafirmava a sua intenção de intervir o mínimo possível. O reflexo das grandes e inúmeras colunas cria na sala envidraçada uma sensação de paz, através da mensagem de infinidade, de eternidade.

Através da sua arquitetura, John Pawson consegue passar toda a sutileza das suas pequenas e tão grandiosas intervenções. O arquiteto cria não só um museu, mas uma experiência de espiritualidade à quem visita o antigo "bunker" de 1942.

Toda a exposição experienciada sem o uso de aparelhos celulares e câmeras fotográficas faz com que o visitante viva as sensações criadas pela arquitetura e pela arte intensamente, saindo do museu com toda a experiência somente registada na memória.

"Você fica impressionado quando entra, não fica?"

John Pawson - Ao se referir a arquitetura original



IMAGEM 19. THE FEUERLE COLLECTION

II. 6. ESTUDO DE CASO: CONVENTO SAINTE-MARIE DE LA TOURETTE, LE CORBUSIER

Próximo da cidade Lyon, na França, Convento Sainte-Marie de La Tourette surgiu a partir da necessidade da Ordem Dominicana expandir para um novo mosteiro que englobasse as necessidades religiosas, residenciais e acadêmicas da comunidade dominicana.

Por conta da sua popularidade, na época (1953), e a sua imagem pessoal altruísta, o arquiteto francês Le Corbusier foi convidado pelo direto da Ordem Dominicana, o Reverendo Couturier, para desenvolver o projeto do novo mosteiro.

Com um terreno para ocupação majoritariamente íngreme, a visita ao terreno pelo arquiteto Le Corbusier foi fundamental para que a implantação pudesse ser definida e o mesmo pudesse orientar o arquiteto grego Iannis Xenakis, que seria o responsável da sua equipe pelo desenvolvimento do projeto.

"Eu tinha vindo aqui. Trouxe meu caderno de anotações, como de hábito. Desenhei a estrada, desenhei os horizontes, anotei a orientação solar, 'respirei' a topografia, decidi o local onde seria, pois o local ainda não estava completamente fixado. Ao escolher o local eu cometi um crime ou um ato de justiça. O primeiro gesto é a escolha, a natureza da implantação e a seguir a natureza da composição que se fará nestas condições."

Le Corbusier



IMAGEM 20. CLAUSTRO DO CONVENTO SAINTE-MARIE DE LA TOURETTE

Partindo da organização dos espaços no entorno do pátio central, Le Corbusier segue fielmente os conceitos modernistas, como as fachadas livres e plantas abertas. Dessa forma, mesmo tendo como escolha religiosa pessoal o ateísmo, Le Corbusier consegue vislumbrar na arquitetura religiosa maneiras de trazer qualidade espacial arquitetônica aliada a espiritualidade essencial da religião católica.

O volume da igreja surge como o único que toca por completo o rés do chão, ao lado do complemento do programa que se configura elevado, em pilotis, ao redor do pátio central.



IMAGEM 21. CONVENTO SANTE-MARIE DE LA TOURETTE

O projeto interliga as diferentes alas do mosteiro através do claustro linear central, que, em rampa, atravessa o pátio. Contradizendo o movimento moderno, que vai contra a utilização de símbolos na arquitetura, é utilizado simbolismo da “cruz” para a conformação da espacialidade do claustro. Através da “cruz” criada, que só é possível ser percebida em planta baixa, Le Corbusier quebra com a tradição dos claustros “circulares” buscando uma conexão maior entre os demais usos do mosteiro.

A partir de um jogo de luzes e sombras, Le Corbusier trabalha com maestria a iluminação natural. O arquiteto projeta a luz solar para que a mesma seja valorizada dentro da igreja durante o Equinócio. Dessa forma, o projeto foi elaborado para que valorize a iluminação solar, em cada ambiente, de acordo com a qualidade dos espaços.

Executado totalmente em concreto, o convento constitui um marco de virada para uma arquitetura brutalista na carreira do Le Corbusier, servindo, inclusive, como referência mundial pela maneira como o concreto armado foi trabalhado e pensado no projeto. O concreto passa a não ser somente pensado como um elemento estrutural, mas também é idealizado pela sua estética. Tal materialidade estipulada reforça a ideologia católica da condição mundano dos seres humanos em relação ao divino.

Desenvolvido já em um período de maturidade profissional do arquiteto Le Corbusier, o projeto do Convento de Sainte-Marie de La Tourette se consolida não só como um marco para a carreira do arquiteto, mas também como um marco para a arquitetura modernista do século XX.

III. 1. ANÁLISE TERRITORIAL: RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro.

“Cidade maravilhosa
Cheia de encantos mil
Cidade maravilhosa
Coração do meu Brasil”

Marcha de carnaval Cidade Maravilhosa, Autor: André Filho



IMAGEM 22. PLANO AGACHE

Não poderia existir prefação que melhor representasse a cidade de intervenção selecionada do que a Marcha de Carnaval do compositor brasileiro André Filho.

A atual cidade do Rio de Janeiro teve a sua descoberta pelos navegadores portugueses no ano de 1502, e a sua fundação no ano 1565, após uma disputa territorial entre os colonizadores portugueses e franceses para apropriação da região.

Por conta da vasta extensão territorial da costa brasileira, no continente sulamericano, e com a intenção de expandir a área de ocupação portuguesa, os colonizadores portugueses descem as gerencias administrativas do país, da região nordeste para a região sudeste, estabelecendo na entrada da Baía de Guanabara a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Acompanhando as mudanças e necessidades políticas, a cidade do Rio de Janeiro se consolida como capital do Brasil, dos anos de 1763 a 1960, quando o então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek transfere a capital para a cidade planejada de Brasília, com o intuito de povoar a região centro-oeste do país.

Como organização politico-administrativa, a República Federativa de Brasil se divide hierarquicamente em estados, municípios e distritos. Portanto, o distrito do Rio de Janeiro está situado no município do Rio de Janeiro, englobado no estado do Rio de Janeiro e subdividido nas regiões administrativas denominadas, bairros.

Aproximando-se a escala de interesse do projeto, a antiga capital do Brasil cresceu ao longo dos anos a partir da Baía de Guanabara por entre as belíssimas praias e a exuberante natureza dos seus morros e maciços. Devido a sua importância geopolítica, a cidade chega no ano de 1960, ano em que o município deixa de ser a capital do Brasil, com uma população total de 3,3 milhões de habitantes.

O primeiro plano diretor para a cidade do Rio de Janeiro surge em 1920, desenvolvido pelo arquiteto francês Alfred Agache. O plano surge a partir da percepção de crescimento da ainda capital do Brasil. Agache desenvolve o projeto com uma visão de consolidação das áreas já ocupadas e prevendo um ordenamento das áreas com potencial de crescimento.

"Uma cidade única, aberta a todas as possibilidades de futuro"

Alfred Agache sobre a cidade do Rio de Janeiro



IMAGEM 23. PLANO AGACHE, CANAL DO MANGUE

Agache acreditava a visão de uma visão unificada da cidade, de forma que todos os setores deveriam funcionar em conjunto. Baseado no princípio de zoning, do político norte americano Edward Basset, o arquiteto Alfred Agache pensou a cidade em cima das quatro funções básicas da Carta de Atenas, desenvolvida por Le Corbusier – trabalhar, circular, habitar e lazer – de modo que funcionassem como um organismo único.

Ao pensar no desenvolvimento da cidade, o Plano Agache pensa em centralidades e eixo viários visando a expansão para as zonas norte e oeste de maneira a estarem conectadas as zonas sul e central da cidade já consolidada. Dessa forma o arquiteto responsável defende a sua crença de que era possível conter e organizar o crescimento da cidade, através de zonas monofuncionais conectadas.

De volta a 1960, após 40 anos da consolidação do Plano Agache e depois da conformação do plano diretor da cidade de Brasília, o governador do estado do Rio de Janeiro, Francisco Negrão de Lima vislumbra um intenso crescimento populacional da cidade do Rio de Janeiro e a necessidade de reabilitação da cidade após a transferência da capital.

Com a intensão da extensão de crescimento da cidade para a zona oeste, conforme planejado por Alfred Agache, o governo do Rio de Janeiro identifica o arquiteto Lúcio Costa um profissional ideal para a elaboração do novo Plano Piloto da zona da Barra da Tijuca, na qual se desenvolveu o projeto em questão.

III. 2. ANÁLISE TERRITORIAL: PLANO PILOTO 1969, LÚCIO COSTA

Em continuidade a uma malha urbana já consolidada e compacta, o arquiteto e urbanista moderno Lúcio Costa desenvolve um Plano Piloto para o crescimento da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

A região de intervenção do plano piloto se encontrava em um estágio de ocupação espontânea inicial e o projeto teve como objetivo ordenar e prever o crescimento do bairro da Barra da Tijuca e de toda a região da Baixada de Jacarepaguá.

A região planejada se localiza geograficamente segregada da região já consolidada da cidade através do Maciço da Tijuca. Com isso, o Plano Piloto para a Barra da Tijuca e região foi a oportunidade que o arquiteto modernista obteve de planejar uma grande área de expansão sem as amarras de uma cidade já edificada.

Para o desenvolvimento da região, Lúcio Costa tem como questão principal a criação de um novo centro comercial, independente do núcleo financeiro já consolidado no centro da cidade. Esse fator, congregado à beleza da cidade, contribui para que Lúcio Costa opte por:

"... conciliar a urbanização na escala que se impõe, com a salvaguarda, embora parcial, dessas peculiaridades que importam preservar"

Lúcio Costa, 1969

Dessa forma o arquiteto modernista assegura o crescimento ordenado, aliado a imponência da natureza da região. Hierarquizando e setorizando as diversas funções de forma que funcionem em harmonia de maneira a valorizar as qualidades individuais de cada elemento desse sistema.

Para a ocupação da planície, o arquiteto Lúcio Costa propõe uma extensão da BR-101 - rodovia costeira que interliga o Brasil da região nordeste a região sul - através de uma grande avenida que interligaria a cidade.

A partir avenida principal proposta, denominada Avenida das Américas, é previsto, no Plano Piloto, o surgimento de vias arteriais que se conectariam com os núcleos urbanos.



IMAGEM 24. BARRA DA TIJUCA EM 1955

Com a necessidade de ocupar o interior da planície, o arquiteto propõe uma conexão da avenida principal com o denominado Centro Metropolitano através de um eixo viário perpendicular.

"... O Rio do futuro nasce com filosofia própria, planejado, medido, calculado..."

Lúcio Costa, 1969

O grande desafio para a ocupação do bairro estava na geografia local, que apesar de plana, a região se configura por faixas territoriais estreitas entre lagoas e o mar. Por conta dessa característica física tão marcante do território que os eixos viários se tornam elementos tão marcados na estrutura urbana do Plano Piloto.

Para Lúcio Costa, a configuração urbana ideal para a região criaria centros mistos, com residências multi e unifamiliares, comércios e lazer ao longo das vias automobilísticas. Entretanto, dentro de cada centro, os usos diversificados seriam setorizados, seguindo o princípio de zoneamento defendido pelo arquiteto modernista, Le Corbusier. Dentro das zonas estabelecidas a ligação seria feita por meio das vias arteriais.

Por se encontrar em um cenário político e financeiro diferente do contexto da cidade de Brasília, o Plano Piloto do Rio de Janeiro foi executado de maneira gradual ao longo dos anos, de acordo com as demandas sociais de cada período. Por conta da execução parcial, o Plano Piloto projetado por Lúcio Costa foi executado de forma modificada.

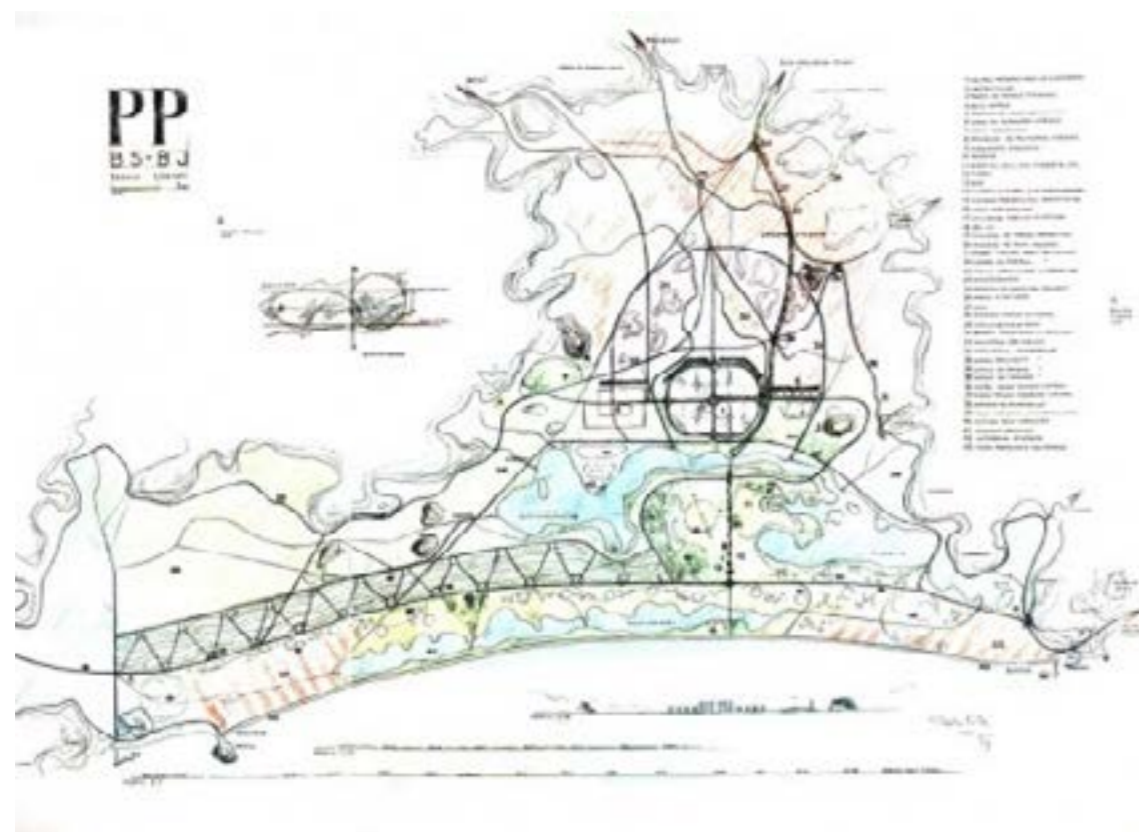


IMAGEM 25. CROQUI PLANO PILOTO DA BARRA DA TIJUCA

III. 3. ANÁLISE TERRITORIAL: BARRA DA TIJUCA, SITUAÇÃO ATUAL

Ao longo dos anos o bairro da Barra da Tijuca teve e continua a ter um crescimento populacional constante, chegando a uma população atual de, aproximadamente, 400 mil habitantes e a um adensamento ocupacional muito superior ao previsto no Plano Piloto do arquiteto e urbanista, Lúcio Costa.

A Barra da Tijuca se consolidou como um bairro de concentração comercial, residencial e recreativa, seguindo de maneira genérica os usos previstos no Plano Piloto inicial e criando um novo centro para a cidade do Rio de Janeiro.

Nas diversas fases de urbanização do bairro, muitas projeções idealizadas no projeto do Lúcio Costa foram utilizadas apenas de maneira inspiracional, sendo adaptadas por ideias elocubradas posteriormente.

Seguindo os preceitos do plano diretor, os eixos viários foram executados conforme idealizado pelo projetista, dessa forma, conectam as diferentes zonas mais distantes, segregadas pelas lagoas. Entretanto, assim como todos os itens previstos no Plano Piloto, a implementação dos eixos viários também sofreu modificações. Como exemplo, a Avenida das Américas, principal eixo de ligação do bairro, prevista para ser um eixo de ligação direto e sem interrupções entre o centro antigo e a rodovia BR-101, foi implementada com incontáveis interrupções de semáforos ao longo dos seus 21km de extensão.

Seguindo conceitualmente o planejamento defendido por Lúcio Costa no Plano Piloto, a Barra da Tijuca foi totalmente estruturada com base no sistema viário. Tal idealização urbana previa um adensamento populacional extremamente inferior ao existente na região. Portanto não foram vislumbradas as consequências sociais das duas definições urbanas em conjunto, criando grandes dificuldades de locomoção para os utilizadores pedonais do bairro, devido a grande extensão territorial.

Visualizando um potencial de crescimento financeiro enorme para o bairro, nas últimas décadas diversas empresas buscaram migrar para a Barra da Tijuca e investir na região em busca de um custo, ainda, baixo de ocupação e vislumbrando uma migração pioneira.

Com a implementação de importantes centros comerciais no bairro em análise, a região atrai diariamente inúmeros moradores de outras áreas da cidade para frequentar o bairro. Dessa forma, a Barra da tijuca possui uma demanda de locomoção de indivíduos superior a sua capacidade de absorção.



IMAGEM 26. IMAGEM AÉREA DA BARRA DA TIJUCA



IMAGEM 27. IMAGEM AÉREA DA BARRA DA TIJUCA

Com investimentos ao longo dos últimos anos, depois de 54 anos de idealização do Plano Piloto, é possível afirmar que, mesmo com as diversas alterações, o plano do Lúcio Costa conseguiu atingir a meta de consolidar conceitualmente um novo centro comercial para a cidade do Rio de Janeiro.

Apesar da sua característica comercial, a principal ocupação do bairro se dá por edificações multi e unifamiliares. Essa particularidade torna a região um local com uma combinação geográfica orgânica e mista entre os usos.

Tal diversidade de funcionalidades gerada na região se estruturou em um caminho contrário ao conceito do urbanismo moderno defendido por Le Corbusier, em que os usos nas cidades eram segregados a partir do princípio de zoneamento.

Por conta da escala da cidade do Rio de Janeiro, a visão do Lúcio Costa de criar um novo centro comercial e financeiro para a cidade foi extremamente importante. Uma cidade com uma população de aproximadamente 6,7 milhões de habitantes possui diversas questões de complexa resolução, entre elas o deslocamento. Uma cidade com a dimensão da cidade em estudo, ao ramificar o seu centro comercial, dilui o movimento pendular diário dos seus habitantes, facilitando a locomoção dos mesmos e trazendo qualidade de vida à população. Dessa maneira, a visão do urbanista ao elaborar o Plano Piloto foi assertiva para a situação atual da cidade.

A consolidação da Barra da Tijuca como um bairro multifuncional foi no sentido contrário ao defendido por Le Corbusier. Entretanto, o desenvolvimento da região nessa direção foi completamente orgânico, de acordo com as necessidades e carências dos habitantes locais. Tal característica do bairro trouxe bem-estar e conforto para a população da localidade.

Entretanto, como o Plano Piloto não visava as ligações entre os diferentes usos, dentro de um único centro, o deslocamento interno do bairro não foi desenvolvido visando a escala pedonal, e sim a escala automobilística. Dessa forma, tal característica gera uma dificuldade de locomoção interna na região, já que somente as conexões externas foram pensadas.

Com o escalonamento subdimensionado da Barra da Tijuca, o crescimento do bairro vem intensificando a dicotomia existente na cidade do Rio de Janeiro entre a desordem urbana e a natureza exuberante.



IMAGEM 28. IMAGENS DO LOCAL DE INTERVENÇÃO

IV. 1. IMPLANTAÇÃO

Entre as definições previstas pelo Plano Piloto do Lúcio Costa, estava a criação de zonas específicas para cada uso. A região escolhida para intervenção se localiza em uma das zonas residenciais do bairro, cuja configuração urbana seguiu fielmente o projeto do urbanista.

Para o desenho urbano da região, o urbanista Lúcio Costa se inspira nas belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro. Por conta da sua extensa costa litorânea, cidade possui uma relação muito íntima com o mar. É a partir dessa relação tão intrínseca que Lúcio Costa se inspira para desenhar as ondas do mar cariocas.

A partir da previsão da ocupação urbana residencial da região, surgem, próximos a avenida principal, terrenos remanescentes do desenho urbano criado pelo arquiteto modernista. Nesses lotes que sobressaltam aos grandes condomínios residenciais da região, são implantados equipamentos com os mais diversos usos voltados para atender as necessidades da população local.

Em um dos imprescindíveis terrenos mencionados a cima, surge a implantação do projeto tema desta tese.

Com um terreno extremamente conectado urbanisticamente com o entorno, a implantação do projeto precisaria seguir com a mesma intenção.

Uma vez que a região possui um fluxo intenso de automóveis e pedestres ao longo do dia, para iniciar a implantação foi essencial o estudo desses fluxos pedonais e viários do local. Era preciso entender de onde eles vinham e para onde iram.

Com base nesse estudo, foi identificado uma excessiva quantidade de acessos viários no local e uma baixa valorização dos acessos pedonais. Para valorizar os pedestres da região foi proposto uma grande redução desses acessos, gerando uma unificação entre o terreno de intervenção e os percursos de pedestres.

Diante o desvio dos fluxos viários será possível reduzir a velocidade dos automóveis, criando uma gradação da intensidade urbana do restante do bairro em direção ao projeto proposto e a zona residencial do entorno. Dessa maneira, valorizando não só o programa proposto para o terreno, mas também trazendo algum impacto para a desaceleração da vida urbana da região.

Com o terreno de intervenção consolidado, iniciou-se a intensão de implantação para o projeto.



IMAGEM 29. IMAGENS DO LOCAL DE INTERVENÇÃO

O terreno possui uma grande frente para a Avenida das Américas. Com o objetivo de instigar curiosidade de quem passa pela região e não criar um distanciamento, surgiu de maneira natural a necessidade de criar um adensamento gradual em direção a esquina traseira do terreno, recuando as edificações propostas dos limites do terreno.

Para a valorização dos fluxos da região, a implantação ocorre de três maneiras diferentes. Com a identificação de um fluxo pedonal mais intenso na faixa frontal do terreno, foi vislumbrada uma qualidade de projeto em buscar atrair os pedestres nas duas esquinas dianteiras.

Dessa forma, é proposto que o edifício retangular a direita do terreno esteja suspenso em um pilotis, com o objetivo de manter o rés do chão livre para usufruto da população local e permitindo que a esquina do terreno, ao nível dos olhos, estivesse sempre livre visualmente.

Por conta da proximidade com o transporte público e os centros comerciais e empresariais da região, o trecho esquerdo do terreno foi identificado desde o princípio como a área de maior fluxo de pedestres. Seguindo a análise realizada, o projeto propõe um acesso suave através de uma rampa enterrada para o interior do programa.

Seguindo a intenção inicial de implantação, após os dois primeiros volumes implantados com menor adensamento é previsto no projeto um edifício principal em formato triangular. A implantação incomum do triângulo surge a partir de alguns conceitos. Primordialmente, houve a intenção implantar o programa através de uma forma que conversasse de maneira equilátera com todo o entorno e surgisse quase que de maneira orgânica a partir do terreno.

Após as ideias iniciais consolidadas, alguns conceitos se fortaleceram como importantes para a ocupação do edifício principal, entre eles a intenção de que a implantação do terreno trouxesse a mensagem espiritual desejada pelo projeto.

A forma geométrica do triângulo está presente simbolicamente em diversas religiões, como exemplo, na religião católica através da Santíssima Trindade - definição de Deus como três pessoas consubstanciais, Pai, Filho e Espírito Santo - e de maneira não arbitrária espiritualmente, o triângulo também traz a alusão ao equilíbrio entre corpo, mente e alma.

O projeto procura trazer para a sua implantação a mensagem que buscará transmitir através do seu programa, materialidade e outros âmbitos, trazendo uma conexão sibiótica entre todas as esferas espaciais do projeto.

IV. 2. VOLUMETRIA

Com a preocupação em relação ao adensamento e a forma como o projeto se relacionaria com o entorno, a criação da volumetria do projeto surgiu em paralelo com a consolidação da implantação.

Apesar do terreno não possuir uma altura de gabarito limitante para o projeto, criar uma volumetria grandiosa e impactante não era a intenção. Sempre buscando a integração com o contexto urbano em que estava introduzido, o projeto foi inserido de maneira sutil no terreno.

Para as três diferentes tipologias de implantação existentes no terreno existiram intenções projetuais.

O volume enterrado da capela surge a partir da motivação de se tornar o trecho do projeto com um acesso mais rápido e espontâneo, mas que ao mesmo tempo criasse uma ambientação reclusa, de maior privacidade para os momentos de orações.

A partir do desejo de manter o trecho frontal do terreno mais livre, o edifício retangular surge suspenso, liberando a esquina, e com apenas um pavimento. Dessa forma, o projeto engloba o programa proposto, trazem para o edifício uma leveza com um baixo volume adensado.

Para acrescentar a sensação de flutuação, a conexão entre os dois edifícios principais é feita por meio de duas passarelas suspensas que se conectam organicamente as paredes inclinadas do edifício principal.

Em busca da conexão entre o mundano e o divino, o edifício principal surge com uma volumetria um pouco maior que a do edifício mencionado anteriormente, englobando a cave, o rés do chão e dois pavimentos superiores. Mesmo com a intenção de destacar a conexão do edifício triangular com a espiritualidade, o projeto surge com diferentes soluções arquitetônicas para aproximar essa conexão sem aumentar de maneira impactante a sua volumetria.

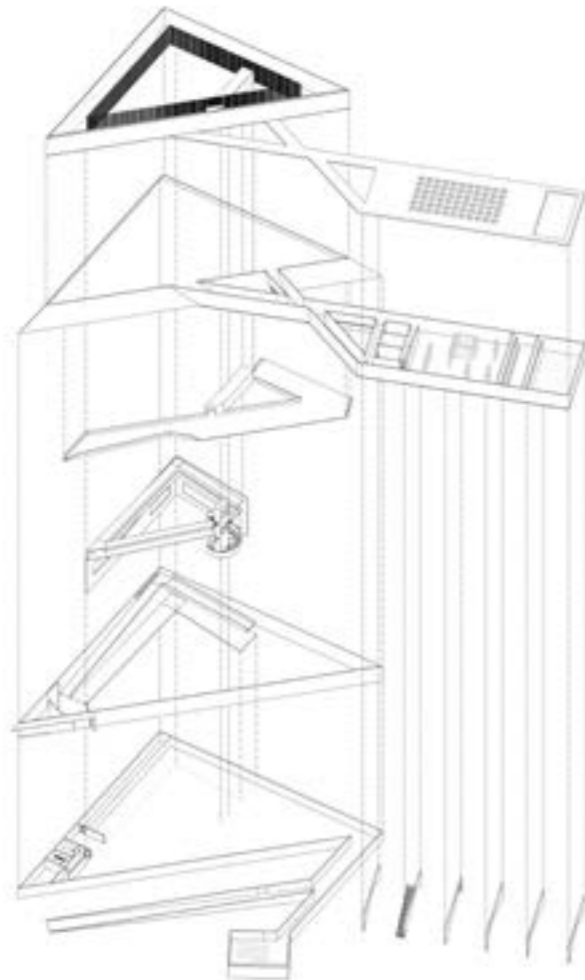


IMAGEM 29. AXONOMETRIA EXPLODIDA

IV. 3. PROGRAMA

O programa dedicado ao projeto surge a partir da reflexão a cerca do tema “Novos Territórios Espirituais” conciliada com as carências programáticas do local de intervenção.

Entendendo que o terreno está localizado em uma região com um fluxo de indivíduos com diferentes objetivos, o programa elaborado busca se adaptar as diversas necessidades da população.

No local foram vislumbrados alguns fluxos diferenciados. Em primeiro plano, uma intensa circulação de automóveis, que em grande parte, estão apenas de passagem. Em conflito com a movimentação de automóveis citada, existe um fluxo pedonal de indivíduos que frequentam a região à trabalho. Em paralelo e unindo todos os diferentes pontos da região, existe uma circulação, em grande parte veicular, de moradores da locais que se locomovem de acordo com as suas variadas demandas diárias.

Com os diferentes usos e demandas da região o programa se consolida em congruência com a volumetria projetada, de forma a conciliar os programas com os espaços desenvolvidos no projeto.

Vislumbrando um impacto mais acessível a comunidade local, foi idealizada a capela enterrada, com o intuito de atender inicialmente aos usuários que estarão apenas de passagem, mas são carentes no seu cotidiano de um momento de conexão espiritual laica ou religiosa.

Dessa forma, surge a busca pelo acesso independente a capela. Apesar de implantada separadamente do edifício principal, a capela, busca atender também a todo o público que frequentará o local. Com isso, sente-se a necessidade de conectá-la diretamente com o subolo do edifício principal.

Com o entendimento de que em grande parte os momentos de decompressão demandam um tempo de conexão e troca mais prolongado, sugem os programas autônomos dos dois edifícios.

Para o edifício retangular, onde projeta-se um acesso independente através da escada, foi idealizado um espaço de trocas coletivas, sejam elas através de palestras, cursos, meditação coletiva e diversos usos que serão propostos para o espaço coletivo o primeiro pavimento.

Em complemento ao uso coletivo do edifício, foi idealizada a Sala Escura, um espaço completamente escuro para uma ou mais pessoas, destinada a reflexões pessoais, de forma a estimular a criatividade e a liberdade dos indivíduos que frequentarem o espaço.

A partir da Sala Escura, existirá um acesso ao pátio suspenso. O pátio interno busca trazer um momento de diferentes experimentações e sensações aos visitantes. Através da textura e sonoridade das suas materialidades, com a brita no piso e as correntes metálicas nas quatro pontas, o pátio suspenso cria uma ambiência diferente das projetadas no edifício.

O programa destinado ao edifício triangular surge com a intenção de gerar trocas diversificadas entre os visitantes. A partir do enfoque em âmbitos artísticos variados, são propostos espaços livres destinados a exposições e apropriações culturais ao longo dos pavimentos, concentrando, no 1 pavimento.

Localizado no subsolo do edifício, foi proposto o grande jardim central, destinado a momentos de estar, relaxamento e conexão direta com a diversa e exuberante flora brasileira.

No pavimento mais alto do projeto foi idealizado o claustro suspenso. Um ambiente projetado com o ideal de criar uma conexão direta com o divino, com a espiritualidade e reflexão individual de cada um. Essa conexão se intensifica através do contato visual direta com o céu, através da ausência de cobertura.

IV. 4. PROMENADE

O conceito de promenade surge no projeto em decorrência da intenção de trazer a valorização dos percursos pedonais existentes na região para dentro do projeto. Derivados dos fluxos urbanos existentes no local e através da busca pela desaceleração do ritmo estressante da população do Rio de Janeiro, os percursos criados surgem de maneira orgânica por dentro da arquitetura projetada.

A conexão entre o mundano e o divino ascende, pelo projeto, de forma sutil e gradual desde o acesso rampeado no rés do chão, até o clausuro elevado, com direcionamento ao céu e a espiritualidade.

A definição dos percursos criados vai se conformando por entre o programa elaborado e os espaços arquitetônicos criados. Dessa forma, após a finalização do projeto é impossível desassociar ambos, uma vez que os mesmos trabalham quase que em uma simbiose arquitetônica.

Uma das grandes importâncias visualizadas na criação dos caminhos e rampas ao longo do projeto está no auxílio a desconexão do ambiente exterior. Ao mergulhar por entre os espaços idealizados no projeto, a arquitetura busca atrair os indivíduos para uma conexão não só com o interior dos edifícios, mas com o interior individual de cada um, com as suas próprias essências.

O percurso de subida através das rampas acontece de maneira diversa. As rampas surgem em alguns momentos periféricas, porém em outros casos as subidas rampeadas se consolidam centrais ao edifício.

A intenção de não criar um percurso ritmado tem a intenção de instigar a busca dos visitantes pela descoberta, retirando-os de uma zona de conforto e os colocando em direção a procura pelo diferente e por novas sensações. Com isso, o projeto surge em um sentido contrário ao comodismo da monotonia e em direção a intenção de valorizar a conexão sutil entre os diferentes programas.

Não só a subida é idealizada, mas a descida também e todos os percursos que acontecem no projeto.

Apesar de existir a sensação de que a conexão entre os pavimento acontece por um percurso único de rampas, a realidade é que todos os ambientes do projeto se conectam de maneiras diversas.

Através das rampas principais, mas também através de escadas, passarelas e elevadores é criada a ligação entre os diversos espaços projetados nas edificações. Dessa forma, o projeto proporciona que cada visitante que deseje estar nesses espaços, possa vivenciar a arquitetura de maneira individualizada, pelo tempo e através das experiências de sua escolha.

No projeto o espaço do claustro foi implantado de maneira invertida em relação aos claustros dos tradicionais mosteiros católicos. O espaço de meditação foi levado para o último pavimento, de forma a amplificar a conexão entre os indivíduos com o céu e a espiritualidade.

Dessa forma, os demais espaços da edificação acontecem nos pisos inferiores e a simbologia do pátio central dos tradicionais claustros é implantada no subsolo no vazio central do projeto. A partir dessa escolha, o espaço destinado ao bosque central consegue estabelecer a conexão entre o mesmo e os demais pavimentos.

A conexão direta entre dois espaços, o pátio e o claustro, com tamanha importância para o projeto, acontece através de um elemento excepcional. Pensada para o centro do pátio inferior a ligação entre os espaços surge a partir da implantação da escada helicoidal juntamente com a prumada dos elevadores. Tal escolha projetual, busca arremeter a fonte central, muito utilizada nos pátios dos tradicionais claustros católicos, através de um percurso orgânico e leve.

A promenade arquitetônica se consolida como fundamental para o projeto. Através do conceito originário da arquitetura moderna, o projeto busca promover a experiência de caminhar através dos espaços edificados. Desta maneira, as espacialidades criadas desejam proporcionar aos visitantes meios de se conectarem com as suas individualidades.

"Esta segunda casa será, portanto, um pouco como um passeio arquitectónico. Entramos: o espetáculo arquitetônico é imediatamente visível; seguimos um itinerário e as perspectivas se desenvolvem com grande variedade; brincamos com o fluxo de luz iluminando as paredes ou criando sombras. Os vãos abrem perspectivas para o exterior onde encontramos unidade arquitectónica.

No interior, os primeiros testes policromáticos, baseados em reações cromáticas específicas, permitem a "camuflagem arquitetónica", ou seja, a afirmação de determinados volumes ou, pelo contrário, o seu apagamento. O interior da casa deve ser branco, mas para que esse branco seja apreciável é preciso que haja uma policromia bem regulada: as paredes na escuridão serão azuis, as em plena luz serão vermelhas; fazemos desaparecer o corpo de um edifício pintando-o com um âmbar natural puro E assim por diante."

Le Corbusier, 1936 - Sobre o conceito de "Promenade Architecturale"

IV. 5. MATERIALIDADE

No vislumbrar dessa forte oportunidade de quebra dos vícios já estabelecidos e na necessidade de desaceleração vinculada ao tempo escasso para deslocamento, surge a intenção de criar espaços de descompressão e reconexão interna através do estímulo dos sentidos humanos.

A materialidade do edifício surge com a intenção de reforçar esses conceitos, através da quebra ideológica da perfeição. A partir do uso de elementos naturais e naturalmente "imperfeitos", o projeto busca evidenciar a beleza na usualmente afirmada imperfeição da natureza.

A natureza é vislumbrada como a quebra dessas crenças, uma vez que na natureza não existe uma perfeição capaz de ser replicada. Cada elemento e ser que compõe a fauna e a flora do planeta são únicos e diferentes. Na natureza não existem seres replicados na sua totalidade, entretanto, com são as características individuais e peculiares de cada elemento que compõe um conjunto único que funciona na sua perfeição.

A origem do ser humano surge a partir da natureza. Através de elementos naturais como a vegetação, sol, água e seres vivos que o homem é capaz de tirar suprimentos que serão essenciais para o funcionamento das suas funções vitais. Com isso, é impossível desconectar, na totalidade, o ser humano desse habitat intrínseco.

Entretanto, com a correria do cotidiano, algumas conexões vitais não são priorizadas e afastam o homem da sua essência. A reinserção de elementos, tão vitais ao homem, na sua rotina, auxiliam cada indivíduo na reconexão com a sua essência como ser humano.

Através da água, presente no espelho d'água na cave, um elemento tão elementar para a vida da população carioca, da luz, a partir dos rasgos nas paredes ou da falta da mesma em elementos totalmente opacos, e da vegetação, distribuída em diferentes momentos no projeto, busca-se estimular um relaxamento a procura do essência humana de cada um.

O principal material utilizado para a aparência do projeto foi o concreto na sua estética bruta. Não só idealizado como o material estruturante de todo o projeto, a escolha do concreto aparente surge na busca pela expressão do edifício. A partir da aparência natural do concreto, o projeto procura reforçar a beleza de materiais vistos como mais grosseiros.

A conhecida pelos brasileiros como “pedra portuguesa”, o cubo de pedra calcária, muito utilizada como pavimentação nas orlas das praias cariocas, será utilizada no rés do chão externo à descer até a pavimentação de todo o subsolo. A escolha pelo material reforça o conceito de quebra do perfeccionismo, mas principalmente aproxima os habitantes do Rio de Janeiro de uma atmosfera de paz e tranquilidade, vivenciada nas praias da cidade.

Para a Sala Escura também será utilizado o concreto. Entretanto, a confragem ao invés de retirada, será carbonizada, com o intuito de criar a ambiência escura desejada e trazer texturas irregulares para as paredes que não serão visualizadas, ativando a sensibilidade do tato humano.

No claustro superior, o principal elemento presente será a ausência da cobertura, na sua totalidade, criando uma conexão visual direta com o céu.

Com a intenção de estimular a reflexão em movimento no claustro, o projeto traz um elemento marcante dos claustros tradicionais que é o ritmo constante das colunas nas fachadas do pátio central. O ritmo constante das colunas nos claustros estimula o movimento de caminhada ao redor do pátio.

Para a criação do ritmo proposto são propostas colunas com dimensões maiores que se destacarão em relação aos elementos mais esbeltos e dessa forma marcarão o ritmo proposto ao redor de toda a fachada interna do claustro. Em complemento às colunas, entrarão os brises mais esbeltos que terão os espaçamentos ritmados, controlando, mas não impedindo, a visibilidade para o pátio central.

O controle da visibilidade surge com a intenção de direcionar o olhar do visitante para o céu. Seguindo essa intenção a materialidade utilizada para os elementos verticais será o mesmo concreto do restante do projeto. Uma vez que a intenção não é dar destaque aos elementos, a escolha do material utilizado busca uma uniformidade, deixando a relevância para a marcação da sua implantação ritmada através do jogo de luz e sombras criado pela iluminação solar.

A partir da escolha material dos elementos, reforça-se de maneira constante uma conexão sutil entre o indivíduo e a sua paz interior.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Estudar arquitetura a partir do tema NOVOS TERRITÓRIOS ESPIRITUAIS trouxe ao projeto diferentes visões mais humanas e sensíveis aos utilizadores dos espaços projetados.

Ao longo do tempo de pesquisa e desenvolvimento do projeto foi possível entender e vivenciar a importância e o impacto da arquitetura na vida humana. Com o processo de estudo, foi palpável compreender a influência que os arquitetos possuem ao interferirem nas cidades e impactarem não só os espaços internos, mas também o entorno da localidade em que a arquitetura projetada se insere.

Compreendendo que existem amarras e limitações peculiares para o desenvolvimento de cada projeto arquitetônico, a visão humanizada da arquitetura pode sempre ser inserida de maneira sutil em diferentes âmbitos das definições de um projeto.

Para se desenvolver uma arquitetura com qualidades estéticas, funcionais e espaciais, é preciso entender o papel dos indivíduos que circundam os espaços como parte integrante e fundamental para a essência dos espaços projetados.

O projeto desenvolvido buscou estudar os conceitos elucidados ao longo de toda a reflexão com o intuito de entender as suas relações e os seus impactos nas espacialidades criadas.

Portanto, ao concluir essa a fase embrionária do estudo de um tema que tanto interessa e impacta na vida humana, chega-se a conclusão de que existem meios, escolhas e regras que guiam os arquitetos no desenvolvimento dos projeto, mas para que a essência do projeto seja percebida, é preciso estudar cada projeto de forma única e individual.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

SALES, Fátima, 2012 - "Dois retratos: Le Corbusier e Picasso" in "*Ler Le Corbusier*", Editora: CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP

QUEIROZ DE OLIVEIRA, Sonia Maria, 2009 - "Planos urbanos do Rio de Janeiro. Plano Agache", Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro

DODDS, George e TAVERNOR, Robert, 2003 - "Body and Building: Essays on the Changing Relation of Body and Architecture", *Sixteenth Century Journal*

TESES

OLIVEIRA FIGUEIREDO, Frederic Manuel, 2019 - "Whitebox", Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP)

ROLIM ANDRÉS, Roberto, 2008 - "Da arte para a arquitetura: Dispositivos artísticos contemporâneos como meios de investigação e experimentação de arquitetura", Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

HADAS TASCA, Ettore, 2019 - "A relação entre arquitetura e arte: a arquitetura como suporte para a arte", Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

AMORIM DE ARAÚJO LIMA SANTOS, Amanda, 2023 - "Neurociência aplicada a arquitetura: A influência espacial no contexto hospitalar", Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

REVEZ DAS NEVES LAMPREIA, Catarina Isabel, 2018 - "Alvar Aalto e a essência humana da arquitetura", Universidade Lusíada de Lisboa (ULL)

ALVAVIÑO DE LA FUENTE, Javier Antonio, 2013 - "O edifício doente: Relação entre construção, saúde e bem-estar", Universidade do Minho (UM)

ALCOBIA SIMÕES, Zélia Maria, 2007 - "A cor e a natureza como metáforas na poética da materialidade", Universidade de Lisboa (UL)

SAILER, Kerstin, BUDGEN, Andrew, LONSDALE, Nathan, TURNER, Alasdair e PENN, Alan, 2008 - "Evidence-Based Design: Theoretical and Practical Reflections of an Emerging Approach in Office Architecture", Sheffield Hallam University Research Archive (SHURA)

LEONI SCHMID, Aloísio, 2022 - "Arquitetura além da zona de conforto", Universidade Federal do Paraná, (UFPR)

ARTIGOS

MOREIRA, Inês, 2019 - "O futuro não foi branco, após o white-cubismo, os brown rooms/grey halls", *Jornal dos Arquitectos*, nº259

HOSEY, Lance e traduzido por BARATTO, Romullo, 2016 - "Por que a arquitetura não é uma arte (e não deveria ser)", *Archdaily*

ALLEN, Katherine e traduzido por BARATTO, Romullo, 2020 - "O modernismo ascético de Tadao Ando", *Archdaily*

TEIXEIRA ALVES, Rodolfo, 2021 - "Imprensa e espaço urbano: a campanha do *Jornal do Brasil* pela urbanização da Barra da Tijuca (RJ) nos anos 1960", *Ponto Urbe*, nº28

F. REZENDE, Vera e LEITÃO, Gerônimo, 2014 - "Lúcio Costa e o plano piloto para a Barra da Tijuca: A vida é mais rica e mais selvagem que os planos urbanísticos", *Revista Urbana*, V.6, nº 8

F. REZENDE, Vera e LEITÃO, Gerônimo - "Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá, a Avaliação dos Ideais Modernistas Após Três Décadas", *Universidade Federal Fluminense (UFF)*

ARAUJO GOMES DA SILVA, Luciana, 2004 - "Barra da Tijuca: O concebido e o realizado", *Revista Geo-paisagem*, Ano 3, nº6

SEGRE, Roberto, 2004 - "Rio de Janeiro metropolitano: saudades da Cidade Maravilhosa", *Vitruvius*, Ano 4, nº046.01

COSTA, Lucio, 2010 - "Plano Piloto para a urbanização da baixada compreendida entre Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá", *Vitruvius*, Ano 10, nº116.00

MONTEZUMA, Rita e OLIVEIRA, Rogério, 2010 - "Os ecossistemas da Baixada de Jacarepaguá e o PEU das Vargens", *Vitruvius*, Ano 10, nº116.03

SEGRE, Roberto, 2010 - "Rio de Janeiro, século 21 Atualidade do Plano Agache (1927-1930)", *Vitruvius*, Ano 09, nº099.01

MATOSO, Marília, 2022 - "Neuroarquitetura: como o seu cérebro responde aos espaços", *Archdaily*

SOUZA, Eduardo, 2016 - "Termas de Vals de Peter Zumthor pelas lentes de Fernando Guerra", *Archdaily*

FRACALOSSI, Igor, 2011 - "Clássicos da Arquitetura: Termas de Vals / Peter Zumthor", *Archdaily*

FRACALOSSI, Igor, 2018 - "Clássicos da Arquitetura: Salk Institute / Louis Kahn
SOUZA, Eduardo - Clássicos da Arquitetura: Salk Institute / Louis Kahn
SALINGAROS, Nikos - Unified Architectural Theory: Chapter 9B", *Archdaily*

DE SOUZA DIAS, Alisson e FRANÇA DOS ANJOS, Marcelo, 2017 - "Projetar sentidos: A arquitetura e a manifestação sensorial", *Centro Universitário FAG*